

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social
Programa de Pós-graduação em Estudos
Contemporâneos das Artes

Gabriela da Silva Bandeira Pinheiro

aGRADIM
amplificar encontros, ser propágulo

Niterói,
Maio de
2022.

GABRIELA DA SILVA BANDEIRA PINHEIRO

aGRADIM
amplificar encontros, ser propágulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos dos Processos Artísticos

Campo de Confluência: Estudos dos Processos Artísticos

Orientador:
Prof^o Dr^o Luiz Guilherme Vergara
PPGCA/UFF

Coorientadora:
Prof^a Dr^a Walmeri Ribeiro
PPGCA/UFF

NITERÓI
MAIO DE 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

GABRIELA DA SILVA BANDEIRA PINHEIRO

aGRADIM

amplificar encontros, ser propágulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos dos Processos Artísticos

Campo de Confluência: Estudos dos Processos Artísticos.

Aprovada em 26 de maio de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Luiz Guilherme Vergara

UFF - Universidade Federal Fluminense, PPGCA

Prof^o Dr^o Jorge Menna Barreto

UCSC - Universidade da Califórnia Santa Cruz, Departamento de Artes

Prof^a Dr^a Jessica Gogan

UFF - Universidade Federal Fluminense, PPGCA

Prof^a Dr^a Walmeri Ribeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense, PPGCA

NITERÓI

2022

*Para minha mãe Nara da Silva Bandeira e
em memória de minha avó,
Analia da Silva Bandeira (1922 à
2018).*

*Sou grata ao amor que me foi dado por elas, além
das histórias e memórias, que irrigaram o meu
imaginário e hoje transbordam através de mim.*

AGRADECIMENTOS

Está jornada de aprendizado e conhecimento não foi solitária, tive ajuda de muitas pessoas queridas, que me deram afago, colo e palavras afetuosas em momentos difíceis, principalmente a partir da pandemia de Covid-19. Gostaria de agradecer aos meus pais, família e ancestrais, foi através das suas lutas, memórias e histórias que meu imaginário foi povoado, suas forças me trouxeram até aqui. Primeiro a minha mãe, Nara da Silva Bandeira, com seu amor e carisma sempre acreditando em mim, me ajudando e apoiando com os meus sonhos. Ao meu pai, Jorge da Cunha Pinheiro, mas conhecido como Pirulito, agradeço pelo respaldo e saber de redes e marés trocados, ele esteve envolvido e presente em cada ação do aGradim, sendo guia e protetor. Ao meu primo Valério Bandeira, a minha irmã Carolina da Silva Bandeira Pinheiro e a minha tia Rosane Serra. A Lola e a Pipoca, por catalisar e regenerar minhas forças com o olhar carinhoso que só os cães sabem fazer. Agradeço aos pescadores, artesãos e a comunidade da Praia das Pedrinhas e arredores, que receberam o projeto aGradim de “braços abertos” e com o mesmo carinho comigo, de quando eu era criança e vivia correndo descalça por entre os barcos. A minha amiga/irmã Kenya Campos, pela parceria, amor e cumplicidade. E aos outros amigos, que também foram artistas participantes do “Laboratório de Ações Regenerantes”, Amanda Erthal, Anderson Arêas, Carlos Gabriel, Mariana Queiroz e Verô Símio por aceitarem a entrar nesta experiência sem rota e destino comigo, sou grata por cada encontro que tivemos juntos, por toda ideia e carinho compartilhado. Ao meu professor, amigo, chefe (nos anos que fiz parte do corpo de educadores do MAC-Niterói, entre 2014 à 2016) e mais recentemente, orientador de pesquisa de mestrado, Luiz Guilherme Vergara, que sempre enxergou e valorizou as minhas origens caiçaras desde a graduação, bem como me mostrou com sua gentileza, amor às artes e me contagiou com sua visão para uma educação que transcende os muros das universidades e escolas. A minha co-orientadora Walmeri Ribeiro que me inspira enquanto artista e instiga a valorizar meus sentidos e intuições. A todos os professores (as) e mestres (as), que passaram pela minha vida. Gostaria de reverenciar os pesquisadores e influenciadores locais de São Gonçalo que estiveram presentes em 2020 nos seminário virtuais, promovido em conjunto com os artista participantes do aGradim e que nos ajudaram a compreender melhor o território da Praia das Pedrinhas, são eles: Sérgio Ricardo, Luciano Tardock, Romário Régis, Juliana Garcia, Marcyllene Maria da Silva Santos, Viviane Fernandes de Oliveira e Mãe Márcia D’Oxum. À artista Ana Sobral que gentilmente se dispôs a participar como educadora ambiental da oficina de Papel Artesanal, produzida para a comunidade da praia das Pedrinhas. Aos participantes das oficinas, que entre março e maio de 2021, mesmo com todas as adversidades geradas pela pandemia de Covid-19 e tomando todas as medidas de proteção, como uso de máscara, álcool gel e distanciamento, se uniram e se envolveram para criarem e confeccionarem juntos a primeira publicação do aGradim. Aos meus companheiros de Estágio Docência, Jandir Jr. e Luiz Sérgio de Oliveira,

nossos encontros virtuais às quartas pela manhã, entre os meses de setembro e dezembro de 2020, me trouxeram de volta a “vida”. A todos os alunos que fizeram parte da disciplina Núcleo de Ações Genealogias Integradas I, em especial a Leona Machado que além de uma grande parceira em sala de aula, como aluna dedicada, se tornou companheira de trabalho, realizando a diagramação desta pesquisa com tanto cuidado e atenção. Agradeço também a parceria de Hugo Sentinelli, que desde 2016 se dedica a me ajudar com minhas propostas de trabalho, seja em edições de vídeo, fotos e incursões. Ao grupo Mulheres do Brasil, núcleo São Gonçalo, que mesmo interagindo com o aGradim a pouco tempo, me ajudou a fortalecer e expandir a rede que me sustenta. Ao grupo MAR (Mulheres Abrindo a Rede), por criar e incentivar tantas possibilidades. O Léo e a Imprima Digital (serviços gráficos). As artesãs Sandra Antonia Batista e Josefina (Dilma) por todo empenho em criar junto comigo os objetos catalisadores. Ao Igor Lopes, Aline Curvão (diretores do CENARTE DIMENSÕES), Adilson D’ÁVila e ao meu tio Jorge Luiz da Silva Bandeira, por toda ajuda e acolhimento na mostra expositiva Cardume. Ao meu companheiro Ademir Lúcio da Silva Júnior, pela força, parceria e amor. Eu gostaria de agradecer também ao corpo docente e discente do PPGCA, em especial ao nosso eterno amigo e secretário do programa, Alessandro Patrício da Silva (póstumo), a UFF por ser uma segunda casa, lugar de acolhimento e descobertas. Aos cientistas, pesquisadores, ao SUS, à FIOCRUZ e ao Butantan por lutarem pelo acesso às vacinas e cuidados dos que sofreram e sofrem pela Covid-19. A CAPES, pela bolsa de estudos que me foi proporcionada, um trabalho como este de tantas vias e mãos, não seria possível sem um mínimo financiamento. Aos meus protetores e guias, obrigada. A todos, todas e todos que ajudaram para que essa pesquisa fosse desenvolvida.

A arte não deve ser diferente [da] vida, mas uma ação dentro da vida. Como tudo na vida, com seus acidentes e acasos e diversidade e desordem e beleza e caos não mais fugazes.

John Cage

RESUMO

O objetivo desta pesquisa de Mestrado foi repensar o fazer artístico através de uma proposta de escultura social; o fazer que não cabe em ser uma representação de algo, mas que investiga os modos de ação, como as atividades socioculturais refletem no ser artista e o prolongamento dos estados coletivos na arte. Além disso, problematiza as relações afetivas geradas por uma artista e propositora local, que buscou através da criação de metáforas e modos de agir, através de interepecificidades e singularidades, encontradas nas plantas, palavras e objetos cotidianos caixas, explorar as potencialidades dos corpos e operar no plano estético, político e ético da vida. Com a criação do laboratório “Programa de Ações Regenerantes”, realizado no aGradim, buscou-se analisar como ocorre a materialização da obra de escultura social, e também, se discute como o trabalho “Propágulos” fricciona o lugar do corpo do multiplicador sensível, através da anatomia de uma semente de mangue vermelho. Portanto, como toda essa experiência pode ser analisada para além da ótica de Escultura Social de Joseph Beuys, como co-criação interespecie e multiespecie, conceito apropriado de Emanuele Coccia. Além disso, se correlacionou com o conceito de Pragmatismo, de William James, que pode ser utilizado como ferramenta para potencializar e ajudar a fabricar ideias-metáforas, que sustentam um trabalho que se inventa pela experiência e escultura interespecífica.

Palavras-chave: Escuta, Experimentação, Escultura Social, Pragmatismo, Partilhamento.

ABSTRACT

The objective of this master's research was to rethink the artistic doing through a proposal of social sculpture, the doing that does not fit in being a representation of something, but that investigates the modes of action, as the sociocultural activities reflect in the being an artist and the extension of collective states in art. In addition, it problematizes the affective relationships generated by a local artist and proposer, who sought to explore the potential of bodies and operate on the aesthetic, political and ethical level of life. With the creation of the laboratory "Programa de Ações Regenerantes", carried out at aGradim, it seeks to analyze how the materialization of the work of social sculpture occurs, but also, it discusses how the work "Propagulos" rubs the place of the sensitive multiplier's body, through the anatomy of a red mangrove seed. Therefore, how can all this experience be analyzed beyond the perspective of Social Sculpture by Joseph Beuys, as interspecies and multispecies co-creation, an appropriate concept of Emanuele Coccia. In addition, it was correlated with the concept of Pragmatism, by William James, it can be used as a tool to enhance and help to manufacture metaphor-ideas, which support a work that is invented through experience and interspecific sculpture.

Keywords: Listening, Experimentation, Social Sculpture, Pragmatism, Sharing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 • CO-CRIAÇÃO INTERSPÉCIE.....	21
2 • CONTAÇÃO.....	53
2.1 • CONVERSAS ENTRE LENÇÓIS.....	54
2.2 • PNEUMATÓFORAS.....	64
2.3 • CARDUME.....	82
3 • CENAS DO MUNDO.....	95
3.1 • DESPOSSUÍDOS.....	96
3.2 • EXPERIÊNCIA PURA: A MARGEM QUE ME TOCA.....	112
3.3 • AGIR NA ESCUTA PARA DESORGANIZAR O MEIO.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	151

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento desta Dissertação foi sendo formado por muitas trocas e vivências ao longo da minha jornada, uma destas experiências foi adquirida na convivência com a minha família, que ofereceu a possibilidade da arte, da espiritualidade e do afeto, pela percepção sobre o contexto histórico e cultural ao qual habito. Venho de uma comunidade tradicional de pescadores artesanais, localizada no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Onde aprendi desde pequena sobre o respeito e cuidado coletivo, através do acompanhamento da vida de homens do mar, como o meu pai.

Bem como, da conexão com a natureza, do pisar descalça na areia da praia, do olhar curioso sobre o mangue, peixes e redes. Essas experiências despertaram minha consciência ambiental, influenciaram a minha percepção sobre o mundo, as relações ao meu redor, além disso, me mostraram como tudo na natureza está integrado.

Mas, como a vida, nem todas as experiências foram doces, pude presenciar ainda pequena os desastres de derramamentos de óleo ocorridos na Baía de Guanabara, a partir dos anos 2000. Estes episódios marcaram não só o território, mas modificaram a vida de famílias como a minha, que extraem sustento da pesca.

Outra vivência marcante e edificante foi minha formação em bacharel em Artes, através da Federal Fluminense, entre os anos de 2012 a 2017. Curso que possibilitou muitas transformações, como o envolvimento e engajamento em processos coletivos, como a participação no Projeto de Pesquisa e Extensão Pirandello Contemporâneo, onde tive contato com a performance teatral, mas também, lugar onde pude ser acolhida pelos professores que reforçaram a importância de minhas origens caiçaras, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara. Ele sempre compartilhou seus pensamentos sobre as responsabilidades sociais do ser artista, além de me influenciar com a possibilidade de exercitar a minha potência enquanto artista geradora de encontros.

Através da multiplicidade do curso, decidi não escolher nenhum campo de atuação, preferi ver essa oportunidade como uma forma de liberdade, onde eu poderia escolher as “ferramentas” das minhas intervenções no mundo.

Ainda no período da graduação, pude estagiar como mediadora no educativo do MAC-Niterói (Museu de Arte Contemporânea), entre os anos de 2014 a 2016, onde fiz parte do coletivo de educadores “Conectores Platônicos”. Juntos nós realizamos ações propositivas para fomentar deslocamentos estéticos e éticos entre público, paisagem e as mostras. Aquele lugar tencionou minha visão sobre o que é ser uma artista, a importância das escutas e contextos gerados pelo público e como toda essa valorização da criação de uma independência do olhar ajuda no fortalecimento da cidadania.

Além desta perspectiva, tive outros encontros, como a oportunidade de trabalhar no Macquinho, inicialmente realizando oficinas na comunidade do morro do Palácio, o que me

aproximou mais ainda das ações sociais. Entre 2015 e 2016, pude participar de um trabalho de escultura social articulado entre o MAC e a SSW (Scottish Sculpture Workshop), chamado Makers' Meal - Mesa Baldia, desenvolvido pelo artista e diretor (na época) da SSW, Nuno Sacramento.

Neste trabalho intervi como artista colaboradora, acompanhando jovens de quatro comunidades (Gradim, em São Gonçalo; morro do Palácio e Bumba, ambos em Niterói e na favela da Maré, no Rio De Janeiro), nas ações e oficinas que eram ministradas por artistas e artesãos. Além disso, pude participar ativamente dos planejamentos e criações dos percursos e rede que fortaleceram o trabalho, que se dedicava em criar um banquete, onde cada “peça” era feita coletivamente por todos os participantes, e quando digo peça, quero dizer cadeiras, mesas, pratos, talheres e tudo que se possa imaginar ao se pensar em uma refeição.

Este trabalho me fez perceber mais ainda a potência do fazer e aprender juntos, em como a escultura social cria encontros, pode fortalecer uma comunidade, além de gerar um gatilho para uma consciência coletiva, que pode assim fabricar sementes e prolongamentos, bem como, mobilizar ideias e sonhos, para que possam romper a realidade e se fazer existir com a força do coletivo.

Através deste trabalho em 2016, recebi uma bolsa para participar da residência de inverno promovida para artistas na SSW, localizada na cidade de Lumsden, na Escócia. Minha primeira viagem atravessando o Atlântico e dialogando com uma cultura completamente diferente da minha, foi uma oportunidade que me possibilitou amadurecer alguns sonhos.

Dessa maneira tive contato direto com a organicidade da residência, que funcionava a partir de vários ateliês de escultura em muitos estilos, como madeira, metal, cerâmica e outros, todos sendo tutorados por artistas e artesãos. Naquele ambiente, comecei a pensar na possibilidade de criar um trabalho de escultura social que possibilitasse o vínculo entre os pescadores da colônia, onde nasci, e artistas, para tentar oxigenar futuros, em um lugar que luta diariamente para continuar a existir.

Ainda entre 2015 à 2016, realizei junto com um grupo de amigos dos cursos de cinema e mídias da UFF o curta ”Entornos: Vozes de Gradim”, trabalho que me mostrou mais ainda as potencialidades do lugar onde fui criada, a presença dos meus companheiros de trabalho “forasteiros”, distensionou olhares e perspectivas que ficavam escondidas no automatismo e vício meu para com a paisagem. As nossas ações tinham como plano de fundo o cais do Porto de Gradim, lugar de venda do pescado produzido em São Gonçalo, e hoje vejo que está vivência foi uma das raízes do aGradim (Programa de Ações Regenerantes + Propágulo).

Os pescadores foram muito receptivos conosco, dispostos a falar sobre seus trabalhos diários com as pescas, sobre o ambiente, além disso, sobre suas reivindicações. Este trabalho filmico ganhou ares de uma instalação sonora e visual. Ele foi convidado para fazer parte da mostra expositiva “Águas e Vidas Escondidas”, no MAC (em agosto de 2016), como uma das instalações que apresentou registros e processos de irradiações comunitárias e ambientais.

Em seguida, em 2017, realizei o trabalho de conclusão de curso, uma mostra expositiva chamada “Vejo Mar”, que se orientou em pensar o uso dos múltiplos significados que a palavra mar pode ter. Essa mostra foi pensada para ocupar uma das galerias do CCC - Centro Cultural Correios, em Niterói. Desenvolvi alguns trabalhos, como uma instalação sonora e de vídeo, além da construção de outras obras a partir de registros performativos, que buscavam o encontro do meu corpo com o outro, e nesta ocasião voltei a ver nos meus desenhos uma forma textual, onde pude me expressar através de palavras que ganhavam força pela comunhão das linhas.

Finalmente, imbuída por estas vivências citadas, entro em 2019 no PPGCA-UFF buscando investigar esse meu fazer obsessivo e orgânico em criar encontros e neste sentido criei o lugar: laboratório aGradim. Dentro deste lugar nasce o Programa de Ações Regenerantes e o trabalho/conceito Propágulo, que busca friccionar o lugar do corpo do multiplicador sensível, através da metáfora criada a partir da anatomia de uma semente de mangue vermelho, toda essa experiência se realiza como uma escultura social multiespécie, tendo como foco a busca por unir tribos e criar abrigos.

Neste contexto, o solo para estes encontros iria ser em um lugar fixo, no Rancho, um terreno que é usado como oficina, de posse da minha família, que serve para alguns pescadores da colônia realizarem seus serviços de manutenção de redes e barcos, localizado na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo.

Fiz com o nome uma homenagem ao primeiro porto desta jornada, o de Gradim, além do nome ser também um trocadilho como um pequeno agrado, o que indica a minha vontade enquanto artista de movimentar este meio, utilizando como ferramenta o sensível. Bem como, realizar um micro poética para tencionar as águas paradas dos cantos das Pedrinhas.

O capítulo primeiro intitulado “Co-criação Interespécie”, possibilitou a amostragem dos desenhos conceitos, criados durante todo o período do trabalho de escultura social aGradim (Programa de Ações Regenerantes + Propágulo) . Os desenhos são formas de distensionar os meus sentidos na paisagem, que me é familiar, e assim poder ver através de outras perspectivas. Além de realizar uma tentativa para a criação de um transporte cotidiano poético ou uma metáfora do olhar para o dia a dia.

O segundo capítulo é intitulado “ContAção”, reúne três trabalhos de coletas de vozes, desenvolvidas dentro do laboratório e território aGradim (Programa de ações regenerantes + Propágulo), são eles: “Conversas entre lençóis”, “Pneumatóforas” e “Cardume”. Este capítulo quebra a tônica do que seria uma escrita, reivindica o espaço da oralidade, além disso, evidencia as múltiplas narrativas encontradas dentro de um trabalho de escultura social.

O terceiro e último capítulo intitulado “Cenas do Mundo”, se divide em três partes: “Despossuídos”, “Experiência pura: a margem que me toca” e “Agir na escuta para desorganizar o meio”.

Em “Despossuídos”, revela-se as questões encontradas no solo do território, para a

realização do aGradim, como as ambientais gerais, sociais e as específicas ao meu contato enquanto artista propositora, filha de pescador e moradora local. Para isso tento articular os pensamentos dos pesquisadores como Fabio Rubio Scarano (2019), Vladimir Vernadsky (1926), Ailton Krenak através das suas obras “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019) e “A vida não é útil” (2020).

Depois dessa pequena genealogia sobre o lugar e suas condições ambientais, utilizo as análises do filósofo e professor em estética da Sorbonne (Paris I), David Lapoujade, sobre os conceitos criados pelo filósofo francês Étienne Souriau, em “As experiências mínimas” (2017), que analisa os diferentes modos de existências, como as despossuídas, impedidas de existir sobre os seus modos de escolha próprio, o que aproximou o meu olhar sobre a vida do pescador artesanal hoje na Baía de Guanabara, que é impedido de exercitar plenamente sua tradição por causa da poluição e das ações predatórias das indústrias que atuam na baía.

Adiante, na segunda parte do capítulo dois, intitulada “*Experiência pura: a margem que me toca*”, analiso o meu trabalho “Entornos: Vozes de Gradim” (2015 - 2016), através do conceito de “experiência pura”, trabalhado pelo psicólogo e filósofo americano William James (LAPOUJADE, 2017). O reconhecimento da “experiência pura” como uma vivência fundadora, que continua pulsando vida e ativando futuros, além do comportamento e responsabilidade de ser uma “testemunha”, visto pelo olhar atento de Étienne Souriau.

Através da terceira parte do segundo capítulo, intitulada “*Agir na escuta para desorganizar o meio*”, reflexiono sobre a materialização da obra de escultura social aGradim (Programa de Ações Regenerantes + Propágulo). Como ela pode ser analisada pela ótica do conceito de Escultura Social, criado por Joseph Beuys, além disso correlaciono com o conceito de Pragmatismo, William James; como o pragmatismo potencializa e ajuda a fabricar ideias que sustentam um trabalho de escultura social.

Ao final deste capítulo, analiso sobre a questão de inacabamento da obra de arte, pela perspectiva de que todos somos solo, damos condições para outros prolongamentos. E enquanto artista propositora e geradora de encontros, esta característica, de ser propagadora é muito relevante e latente ao meu ofício, de acordo com isso, apresento o conceito “propágulo” dentro do laboratório aGradim (extraído do cotidiano caiçara e botânico, por ser o nome dado a semente de algumas árvores que constituem o ambiente mangue). Dessa forma, utilizo dos pensamentos do botânico Stefano Mancuso (2019) e do filósofo italiano Emanuele Coccia (2020), para respaldar esse debate.

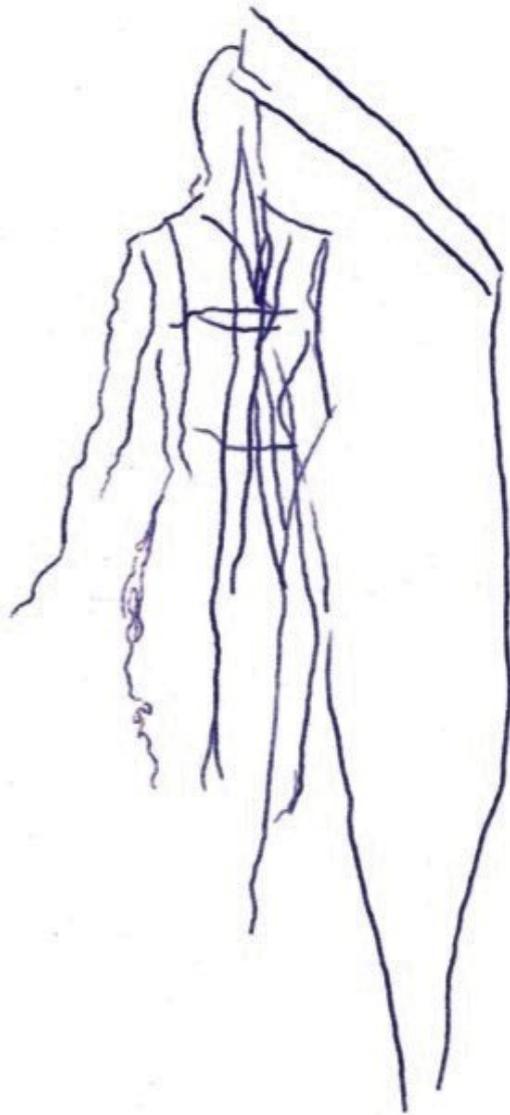
Esta dissertação se completa como uma segunda parte, um livro de artista intitulado, “Propágulos: Semeando Florestas de Marés” (2021), uma publicação/livro de artista, feito a múltiplas mãos, que convoca a voz do coletivo que participou das ações realizadas dentro do laboratório “Programa de Ações Regenerantes”.

Assim, o objetivo dessa pesquisa-criação tornou-se uma investigação de processos de uma artista, propositora local e geradora de encontros, que ao mesmo tempo vem de uma

comunidade tradicional, como a de pescadores artesanais. Essas identidades se ligam através do seu fazer artístico, que é analisado ainda no fluxo da sua produção, lidando com o “não ainda” e o movimento constante do se transformar.

CO-CRIAÇÃO INTERESPÉCIE

O território tem muitas camadas de níveis, os vistos, os vividos e os sentidos. Estes são desenhos conceituais, que têm o desejo de transcender as linhas para nos levar em um novo percurso pela paisagem, além disso, são estratégias para destravar o corpo, a partir de uma forma outra de olhar, para assim, perceber outras perspectivas. Como não familiarizar o familiar? Para onde atrai o azul?



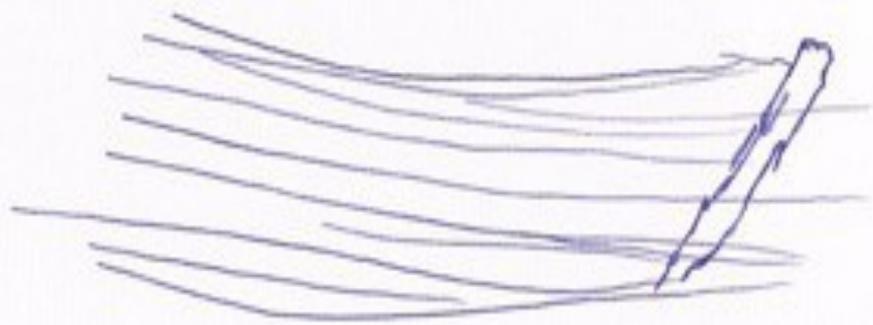
RANCHO,

lugar em que o pronome possessivo quase se extingue, o que é meu é seu, é nosso. Descanso de naus, remos, redes e motores. Sítio onde traçam-se planos, ações, mas também é enfermaria, regeneram-se corpos e cascos.



MANGUE,

onde a anatomia de corpos aéreos rege os seres super desenvolvidos, onde andar sempre para os lados em pequenos passos, para entender o perímetro movediço, constitui a coreografia do lugar. Onde há na terra buracos, feitos por operários de patas, buracos que também são bocas, que exalam o hálito de maresia.



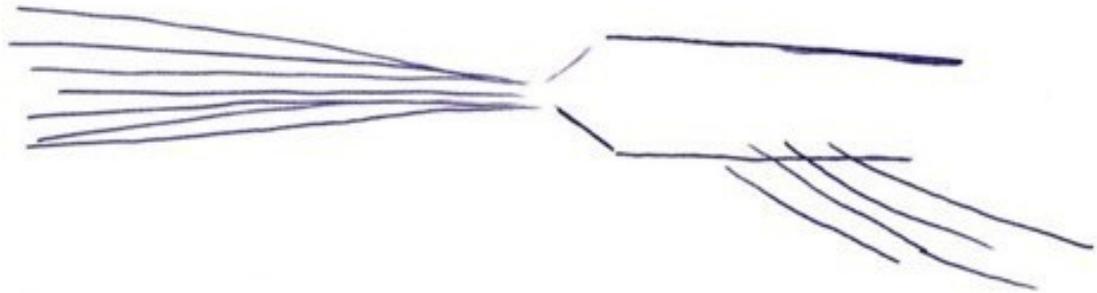
CAÍCOS,

tábuas de salvação, utilizadas para moverem-se na imensidão e para atravessarem o visgo. Sua anatomia é feita para cortar o fluido e ditar o norte, encontrando um equilíbrio. Às vezes é morada das armadilhas, em outras, são os motores que geram energia para as muitas outras vidas invisíveis.



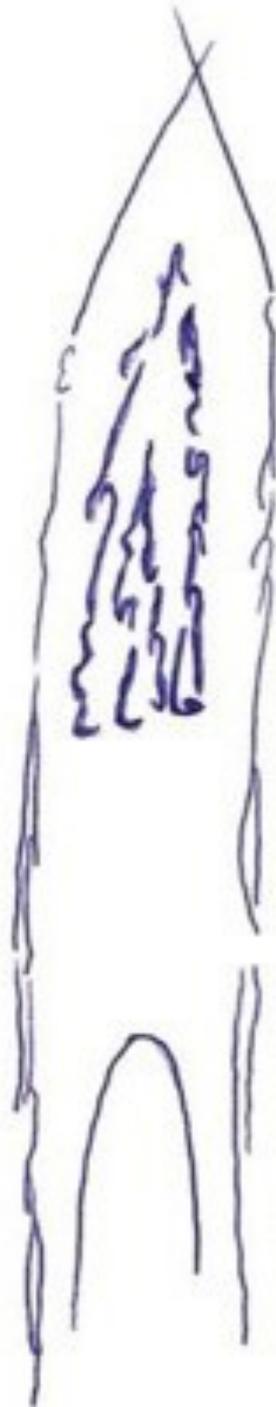
SAFAR,

coreografia que desvencilha, o livrar as pequenas bocas da armadilha em forma de malha. Conduzido pelas mãos que viram máquinas e brigam com o tempo. Uma a uma e um a um. Sardinhas e Bicudas.



REMO,

a união entre corpo e objeto que cria alavanca, move o imenso e ganha propulsão. Mover, o não ser estático na imensidão.



AGULHA,

extraída do tronco de laranjeira e transformada em varinha, que cria e recria, ata e desata o nó. Guiada pela fala das mãos, que tem sua língua em forma de movimentos e gestos, onde trança e une as panagens, às cordas, chumbos e bóias. Afinal, para resistir ao imenso é preciso ter uma fração de leveza e assim poder submergir para respirar.



REDE,

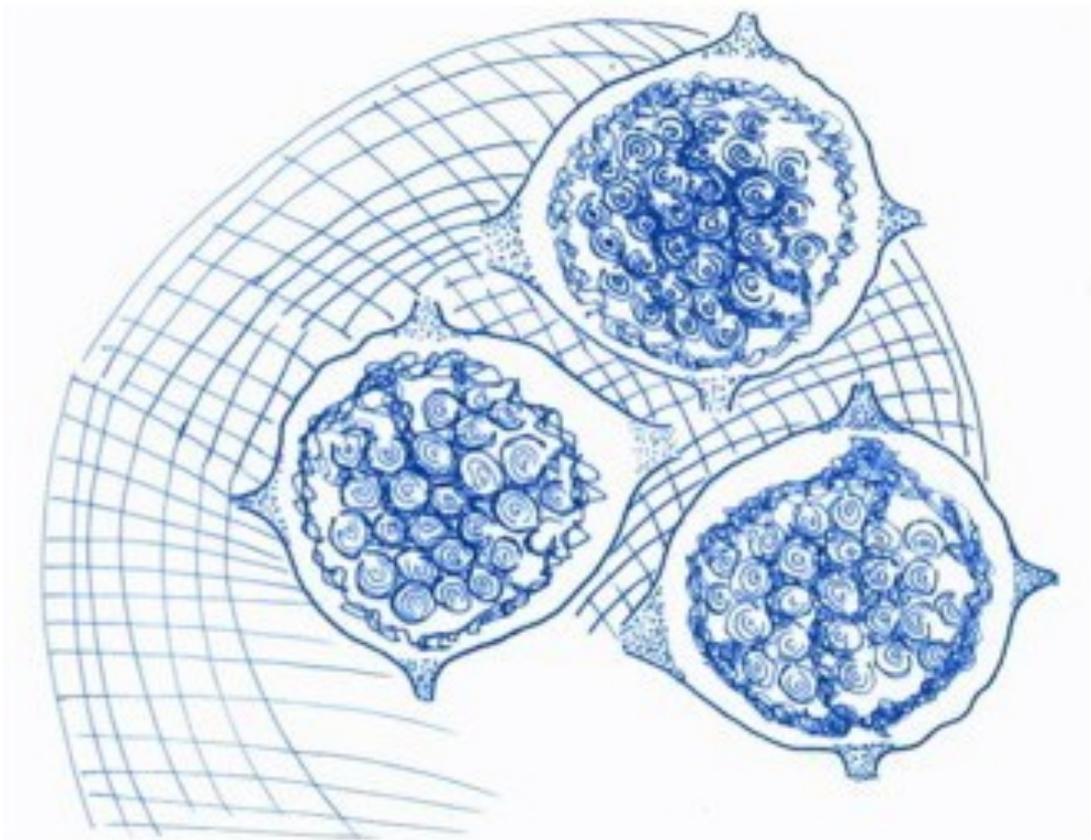
artimanha de caça composta por três tipos de panos, a peneira onde a água escapa para só restar o alimento.



Handwritten notes or labels, possibly including the number '2', are visible on the right side of the page.

POITA,

agarra, prende e não solta... Fixada ao solo em dia de vazante, em que encontramos o firme no fluido. Porto, portátil. O ponto nas linhas contínuas e infinitas.



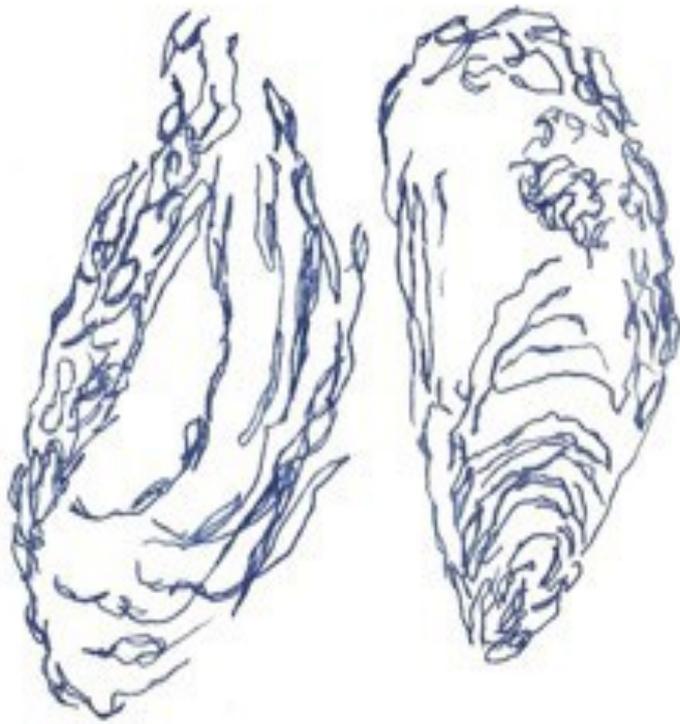
CARDUME,

afluência de organismos resistentes, que sobrevivem aglutinados em bando. Esses, desempenham defesas loculicidas, ou seja, organizadas do meio para fora do eixo, desenvolvidas através de semelhança do hábito. Organismo formado pela união de corpos globosos, em que cada esfera se conecta entre si, gerando uma energia violácea, despertadora de consciência através do “toque”. Cardo + ume, possui sete letras, três vogais, quatro consoantes e de frente para o espelho se metamorfa em chamamento “ emubrac! ” (enunciado antes de atos de levante, grito de batalha).



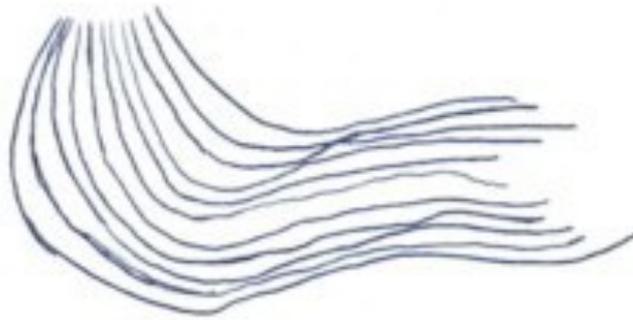
PROFUNDIDADE,

ferramenta que acompanha o movimento ativo e consciente do olhar observador. Às vezes é âncora, em outras boia.



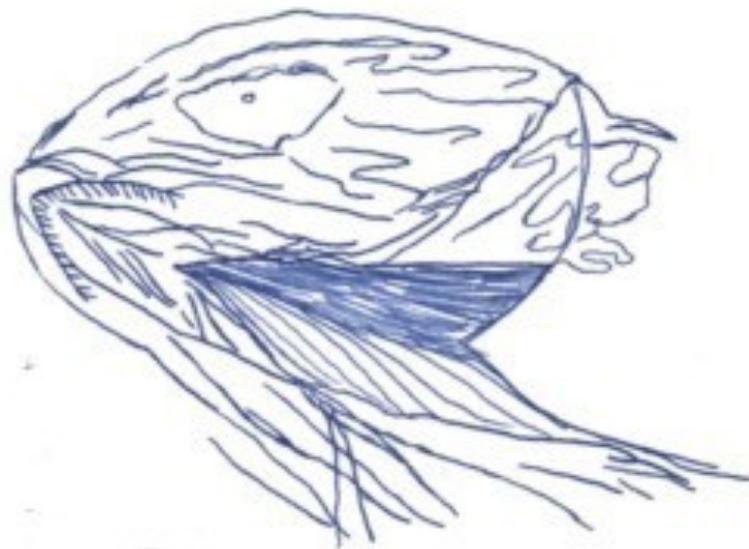
ESCUA,

seu corpo é formado por relevos, cascalhos e pontas. Todos à espera do tinir das vibrações. Em exercício, consegue criar análises sinápticas, que se desdobram em interlocuções.



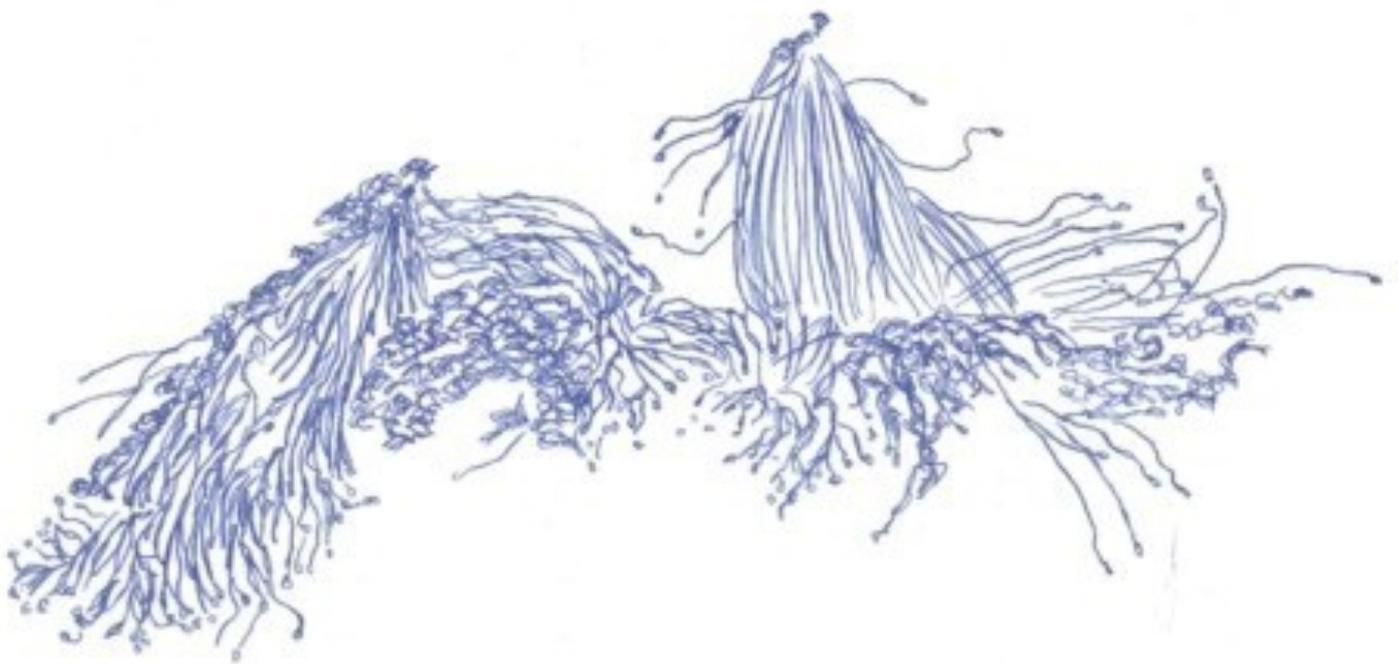
CORRENTEZA,

conjunto de linhas que geram energia, para mover matérias humanas e não humanas.



CABEÇA DE PEIXE,

seu corpo é coroa. Se divide entre carne, ossos e espírito. Seu predador ao realizar o ato antropofágico, recebe as forças vitais das experiências vividas.



EMARANHADO,

morada das linhas, pontas, pontos e arremates divergentes. Lugar onde se descobre formas de coexistir juntos.



PROPÁGULOS,

são agentes do possível, que foram fertilizados em bando. Agem sobre realidades tidas como finitas e condenadas. Movidos por seus posicionamentos, entendem que crer e ter consciência demanda articular responsabilidade, mas não com o peso da flecha apontada, pois assim não existe o esperar (esperança que se faz verbo, para ser vivida), a alma carregada é a de: Como incen(diar)tivar a ação? Como cuidados de uma luta? Sabia que existem futuros nas vivências? São interessados nos cantos, nos territórios que espreitam por uma escuta e que anseiam por um ecoar de suas matrizes.

CONTAÇÃO

Como reabitar um território conhecido? Como uma experiência pode ser contada? Imagens nos revelam cores, formas, timbres, espécies, lugares, mas também, muitas nuances do que seria um encontro. Camadas contadas através de dispositivos criados para editar e montar, em forma de 3 trabalhos fílmicos, são eles “Conversas entre Lençóis”, “Pneumatóforas” e “Cardume”. Cada um desses curtas metragens foi desenvolvido através dos registros e arquivos, gerados ao longo de 2020 e 2021, entre rastros e fragmentos. Além disso, os três fazem parte do “Programa de Ações Regenerantes”, mas com o contraponto do meu lugar de propagadora sensível e testemunha, bem como, a experiência coletiva foi compreendida pelas minhas imagens de registro. Em “Conversas entre Lençóis”, aproximo o lugar das memórias dos meus antepassados para a discussão, como as lembranças dos meus pais constituíram e me mostraram o que a paisagem da Praia das Pedrinhas escondia, o seu passado, um passado recente que não vivi fisicamente, mas revivi através de lembranças dos que viveram e me contaram. Além disso, foi um recurso de se resgatar o encontro em um momento tão angustiante, como a reclusão imposta pela Pandemia de COVID-19, em 2020, por isso o dispositivo que nos fazia conversar sempre que nós decidíamos lavar roupas em casa, era o momento de juntar as cadeiras no quintal e deixar as memórias nos transportar e assim ritualizar o cotidiano. Através do “Pneumatóforas” busquei o encontro com a comunidade do entorno, convidei pessoas do meu cotidiano e fora dele para um entrevista, elas receberam cada qual uma carta de agradecimento, que foram escaneadas e inseridas como imagem para compor, mas ao mesmo tempo decidi manter sua privacidade e somente ler uma parte delas no vídeo, unido com as imagens dos entrevistados e suas vozes. Além de trazer uma contribuição em forma de significado, as Pneumatóforas, são espécies de plantas que mantêm suas raízes aéreas, como as espécies de mangue que encontrei na Praia das Pedrinhas, que tem suas raízes contorcidas e elevadas para respirar. Em um momento tão difícil como o que enfrentamos em 2020, precisávamos de algo para “respirar”, e esta raiz me ensinou com sua sabedoria em forma de anatomia, era preciso me mover, ouvir outros para poder me ouvir melhor. Já em “Cardume”, utilizo um compilado de imagens das atividades realizadas na Praia das Pedrinhas, em janeiro de 2021, com a gravação de áudio, da primeira reunião virtual, feita com os artistas do laboratório “Programa de Ações Regenerantes”, em setembro de 2020, onde cada um fez uma apresentação de quem era, onde descobrimos o Cardume/coletivo, ou seja como eram os componentes ou os “peixes” desse coletivo.

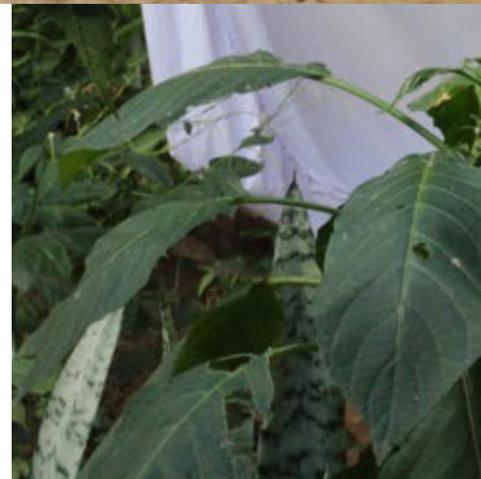
A photograph of a white sheet hanging on a clothesline outdoors. The sheet is the central focus, draped over a line and held by wooden clothespins. In the foreground, a simple wooden chair with a slatted seat and a high back is positioned. The background features lush green foliage and a portion of a building with wooden shutters. The overall scene is bright and natural, suggesting a sunny day.

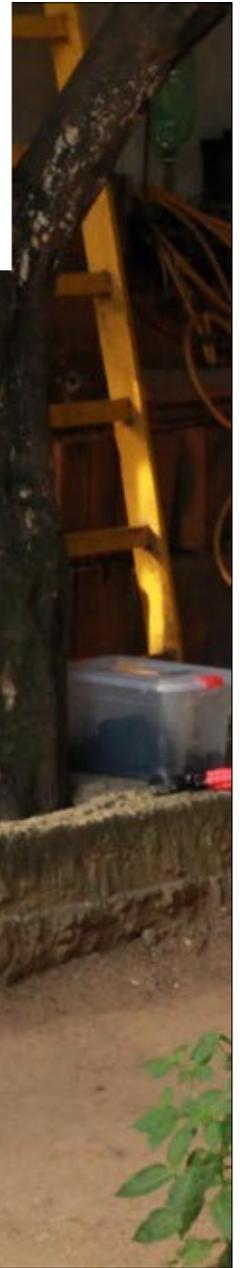
**CONVERSAS
ENTRE
LENÇÓIS**





Novos tempos. A pandemia de COVID 19 nos obrigou a nos reorganizar a repensar tudo, nossas relações com o mundo e com nossas famílias. A necessidade de se estar em “residência” neste momento abrange, para além do sentido do uso artístico vinculado à palavra, um novo ritual de cuidado para com o outro. Pensando em novas organizações de geografia dos lugares, surgem questões: Com a reclusão obrigatória, em que lugar se encontra nossa pulsão vital e criativa? Continuamos a produzir arte? Como está se dando esta produção?





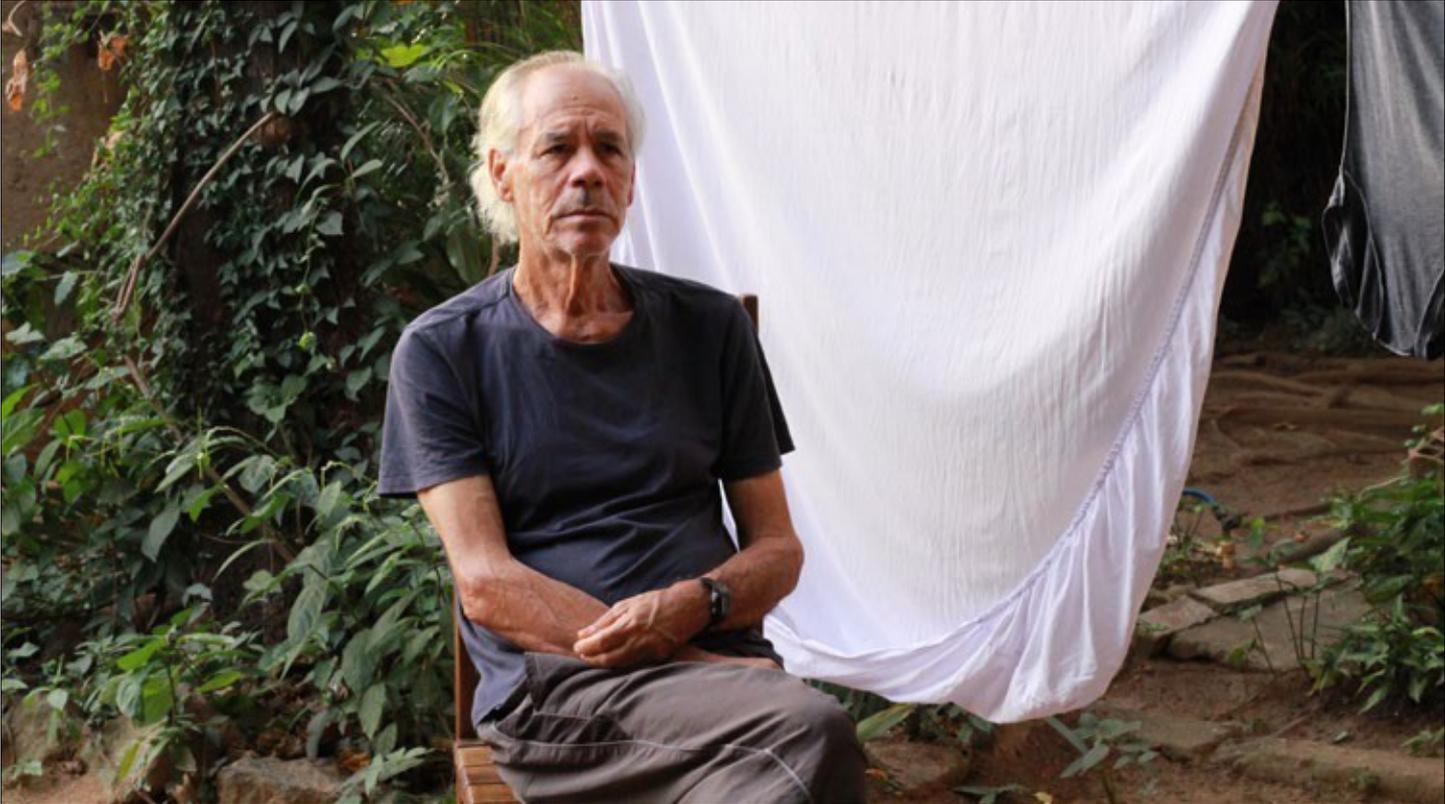




Habitar é o ritual da transformação. O intuito da proposta “Conversas entre lençóis” foi buscar desenvolver essa arqueologia do cotidiano, refletir sobre o contexto dos religamentos afetivos no momento de isolamento e escassez de uma programação social. Criando um olhar atento ao trivial, enxergando a membrana poética nos acontecimentos do dia a dia. Como o encontro com as escutas das memórias de nossos pais. Convidei os meus pais para algumas gravações de suas histórias, tendo como plano de fundo e ação contínua o dia da lavagem de lençóis.







Lençóis de molho,
quarando,
secando ao vento
e as memórias emergindo.



PNEUMATÓFORAS









"Tudo está muito nebuloso!" O início deste vídeo marca a tônica do momento em 2020 e 2021.

Pneumatóforas são tipos de raízes, se desenvolvem com raízes aéreas. Espécies como os manguezais, pois seus solos são altamente salinos e anaeróbicos, sendo assim, impedem que as raízes realizem trocas gasosas. Estas plantas criaram a capacidade de respirar em um ambiente com escassez de oxigenação. Escassez que o mundo vivencia, através da pandemia de COVID 19 e toda sua "asfixia", a saída, talvez seja a tentativa para um movimento, mesmo que seja pequeno, uma torção e respiração em forma de escuta, para tentar impulsionar uma conscientização coletiva imanente.



Foram ouvidos entre maio e julho de 2020, profissionais da educação, saúde, uma trabalhadora das artes e uma mãe, eles puderam mostrar suas visões e expectativas em um momento em que planejar e pensar em um futuro era quase impossível. Para cada doação de voz dada, cada participante do curta recebeu em sua casa uma carta, como gentileza e agradecimento.







11 de Junho de 2021.

Valério,

Como vai você? Continuamos e na medida do possível eu vou de se despir das aparências onde todo mundo ainda estava me sinto um pouco assim.

Mas, embora tudo ainda pareça grata pelo encontro virtual eu entresse na sua intimidade as minhas, por isso, muito e lembrei que você me disse que recém casados. E aí, consequentemente não desenhava faria alguns e mencionou nossas fragilidades. Como prometido te envio um de força e confiança que sua Escolhi este exemplar pensar muito fácil (sementes de Ma pouco tempo, acho que o terá germinar, ver a muda ganhar possamos nos encontrar presencialmente. Enviei para você uma declaração enviar de volta será maravilhoso compartilhar com você, para

RESSOAR DA CONVERSA

Falta o eco dos alunos no re abraços, falta o silêncio e Não falta saudade, não falt

Beijos da Gabi Bandeira.

DESTINATÁRIO:	VALÉRIO DA SILVA BAN	
ENDEREÇO:	RUA DE SANTANA, N. 73	
	MAIPU, CENTRO	
CEP:	20230-260	CIDADE: Rio

FCAID	
DEIRA JR. - 99360951574	
, APT. 710, EDF.	
DE SANEAMENTO	UF RS



MANUSEIE COM
CUIDADO



ATCO
INDUSTRIAS

11 de Junho de 2021.

Marcela,

Como vai você? Continuo nos
na medida do possível eu v
de se espia das agrências
onde todo mundo ainda esta
em visto um pouco assim.

Mas, embora tudo ainda par
grata pelo encontro virtua
eu continue na sua intimid
as coisas, por isso, muito
lecorde de voce fazendo se
naquele momento, e como cu
regeneração rólida em meio
intensidade, as desiguald
de muitas famílias. Só isso
ele, os saltos, momentos pa
refletir isso, me senti "l
espero que você tenha cons
te conhecido com você.

Como prometido te envio um
da força e confiança que s
Escolhi este exemplar pelo
regular contração e relaxa
as raízes das plantas, mu
é sangue. Espero que tudo
Enviei para você uma decla
enviar de volta será mara
compartilhar com você, par

RESSOAR DA CONVERSA

Correr, correr, correr, co
Correr, correr, correr, co
Pausa.

Parada, parada, parada.

Lenta, lenta, lentaa.

Mas não imóvel, mas não in

Beijos da Gabi Bandeira.

DESTINATÁRIO:

MARCELA FAUTH FERNA

ENDEREÇO:

RUA ANDRÉ CAVALCAN

SANTA TERESA

CEP:

20231-030

CIDADE:

Rio

UNDES 96921-7439	PHONE:
TE, 133, APT. 403,	
DE SANEIRA RS	UF



MANUSEIE COM
CUIDADO



Material Reciclável

ATCO
Soluções em
Logística

11 de Junho de 2021.

Cláudia,

Como vai você? Continuamos na medida do possível eu v de se despir das aparências onde todo mundo ainda esta me sinto um pouco assim. Mas, embora tudo ainda pareça grata pelo encontro virtual eu entrasse na sua intimidade as minhas, por isso, muito Recordo que falamos muito em um momento difícil, com as suas "profecias" nos p aquele ou aquela bebê. A f fazendo entender a importância arrasada. Precisamos começar sonhos delas nos darão for Como prometido te envio um da força e confiança que s Escolhi este exemplar pensando espécies muito fortes e re meio a lama e baixa oxigen áreas de atuação. Isso se essas jovens vidas carregadas mostram que podemos reconstruir que possamos nos encontrar. Enviei para você uma declaração enviar de volta será maravilhoso compartilhar com você, por

RESSOAR DA CONVERSA
Mentalizar, anunciar e p
à vida pelas mãos. Mas
fin bate na porta desses r
juntos. O junto também est

Beijos da Gabi Bandeira.

DESTINATÁRIO:

CLÁUDIA ROGERIA DELIMA

ENDEREÇO:

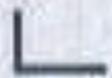
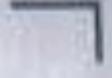
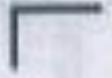
RUA SANTO AMARO, N.º

CEP:

27340-040

CIDADE:

Ni



#ONE!	
964 89.0910	
660, ITAIPÚ	
TELÓI	UF RS



MANUSEIE COM
CUIDADO



Material Reciclável

ATCO
Soluções em Papelão

11 de Junho de 2021.

Thais,

Como vai você? Continuamos em
na medida do possível eu vou
de se despir das aparências
onde todo mundo ainda estava
me sinto um pouco assim.

Mas, embora tudo ainda pareça
grata pelo encontro virtual
eu entresse na sua intimidade
as minhas, por isso, muito o
lembrei que falamos muito da
pessoal, nossas famílias e s
pai, esposo e filha linda es
como você bem me reforçou, s
vou ter coragem de arrancá-l
bem? Espero que possamos nos
Como prometido te envio um
da força e confiança que sua
Escolhi este exemplar pensan
muito fácil. A ciência é um
mais propagadora do que nunc
angústias, sei que para isso
Obrigada por me trazer o olh
todos sangram e tem dores.
Enviei para você uma declara
enviar de volta será maravil
compartilhar com você, para

RESSOAR DA CONVERSA

Através do microscópio a fac
alastra facilmente. Está no
coração há espaço para muito
ser pago. Dívidas com nossos

Beijos da Gabi Bandeira.

DESTINATÁRIO:

THAIS STEIN

ENDEREÇO:

**RUA BARÃO DA TORRE
IPANEMA**

CEP:

32411-000

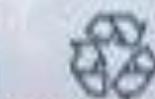
CIDADE:

Rio

	FONE:	97423-1701
R. N. 362, NPT. 101,		
C. DE JANEIRO		UF: RS



MANUSEIE COM
CUIDADO



Material Reciclável

ATCO
Soluções em
Logística

11 de Junho de 2021.

Priscila,

Como vai você? Continuamos na medida do possível eu de se despir das aparências onde todo mundo ainda está me sinto um pouco assim. Mas, embora tudo ainda seja grata pelo encontro virtu eu entrasse na sua intimidade as minhas, por isso, muito lembro de poder acompanhar e sapeca. Pode acompanhar o restante da sua família que você estava tomando de conexão afetava a todos amigos são importantes para fazer com que esses encontros. Como prometido te envio da força e confiança que Escolhi este exemplar para rede, tirar o sustento. V que isso acontece com o sustento da sua família. Espero que tudo melhore. Enviei para você uma decisão enviar de volta será muito compartilhar com você, por

RESSOAR DA CONVERSA

A esperança é nossa fonte de colo e tem fome, de vida.

Beijos da Gabi Bandeira.

DESTINATÁRIO:

PRISCILA SANTOS DE O. CARVALHO

ENDEREÇO:

RUA CÂMARA PESTANA, N. 100

CEP:

24473-190

CIDADE:

SÃO GONÇALVES

FONE:	
96402-1204	
44, ITAÚNA	
UF:	RS
ONCAIO	



MANUSEIE COM
CUIDADO



Material Reciclável

ATCO
www.atco.com.br

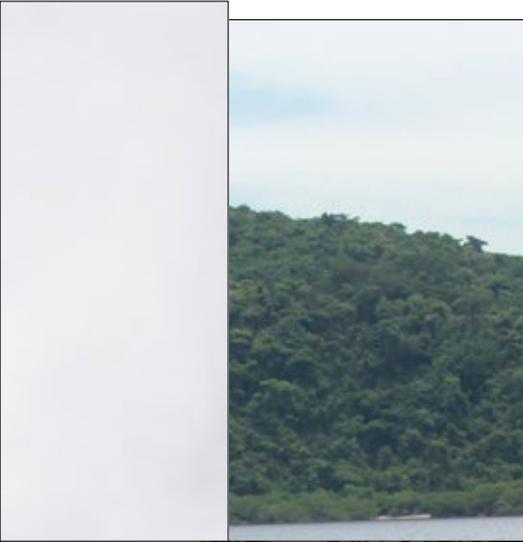


CARDUME





Este curta busca o compartilhamento dos meandros das atividades de imersão realizada pelos artistas convidados a participarem do aGradim: Programa de Ações Regenerantes, entre 2020 e 2021. Estas imagens fazem parte da programação dessas imersões, tanto virtuais, bem como presenciais, através disso, são repletas de vozes, lacunas e espaços, todos rastros de experiências que foram desenvolvidas em coletivo. A imagem estática nunca bastará, mas o arquivo se rebela e cria contextos outros. Gatilhos sobre o que deixamos e o que levamos do lugar.



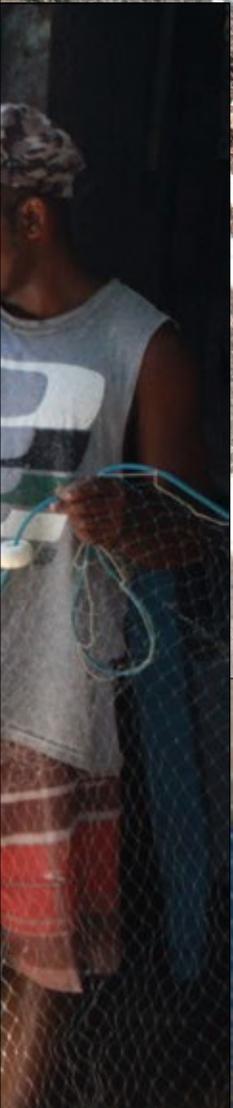
















CENAS DO MUNDO

O que acontece quando se é impedido de existir segundo determinado modo? Somos seres culturais e ambientais, por isso precisamos refletir sobre o impacto de nossas ações no corpo Terra. Algumas comunidades, como os pescadores artesanais do bairro Gradim e arredores, em São Gonçalo, situados às margens da Baía de Guanabara, já perpassam por dificuldades ambientais que modificam sua forma de viver, como a escassez do pescado, rios assoreados e a contaminação pela poluição. Esta crise ambiental é uma crise imposta pela ganância e pelo consumo exacerbado do homem, mas ao mesmo tempo, a natureza nos ensina com sua resiliência e força, para continuar resistindo e produzindo vida. Enquanto artista propositora de encontros, filha de pescador e moradora local, como esse panorama modifica minhas escolhas? Como tensionar pequenos deslocamentos na realidade?

DESPOSSUÍDOS

CENAS DE UM MUNDO EM COLAPSO

Temporalidade é a experiência humana do tempo, considerada estrutura básica para a manutenção da existência, não marca só o tempo de vida, mas são os reflexos do conjunto de experiências ao longo da vida humana. Estas experiências nos conduzem ao aprendizado sobre nós mesmos e sobre o mundo. Neste contexto, para se entender as mudanças sócio-ambientais e suas reverberações nos cantos da Terra, é preciso olhar para o todo, fazer uma pequena genealogia do problema.

A ideia de natureza é um bom começo. Natureza era tudo, natureza humana, das plantas, tudo aquilo que não se tinha um controle, entre os séculos XV e XVIII, através dos pensamentos de Galileu, Descartes e Newton, se inicia um movimento para desassociar a natureza da humanidade, bem como separá-la da cultura. Com a Revolução Francesa (no fim do século XVIII), chega a modernidade e aparta de vez o humano e o natural, a natureza ganha ares de algo a ser vencido, em favor do progresso e do consumo, o reflexo disso é o Antropoceno. Segundo as análises do ecologista Fabio Rubio Scarano, em seu livro *Regenerantes de Gaia* (2019), o Antropoceno é um termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. Momento em que as atividades humanas começaram a ter um impacto global significativo no clima e nas mudanças sofridas pelos ecossistemas, como o aumento no número de espécies em extinção.

Em virtude do Antropoceno e de todos os seus reflexos, não há dúvidas que o homem esgarçou os limites do imaginável em exploração e conseqüentemente na exaustão do planeta, é preciso pensar em uma regeneração e cicatrização possível, para se tentar frear a própria extinção da espécie humana.

Para isso é necessário compreender melhor como o planeta Terra funciona. Uma das teorias que nos aproximam deste entendimento é a teoria de Gaia. Esta hipótese foi primeiramente pensada em conjunto pelos pensadores James Lovelock, ambientalista e pela bióloga Lynn Margulis, no ano de 1969.

A hipótese de Gaia propõe que a Terra pode e deve ser considerada um organismo, ela tem o domínio de criar condições para sua existência. “A Gaia de Lovelock é auto-organizável, autossustentável e promove a noção de estabilidade dinâmica da vida no tempo, quer o homem persista ou não na face do planeta.” (SCARANO, 2019, p. 38).

Gaia, na mitologia grega, é a deusa que personifica a Terra, por isso o nome sugerido para a hipótese. Ela foi uma teoria rechaçada de início por muitos cientistas e bem aceita pelos ambientalistas e defensores da ecologia. Há de se considerar que esta teoria, serve para se olhar o planeta de outra perspectiva e ainda mais, olhar para os seres vivos, de uma outra forma, com o entendimento de que são habitantes de um corpo/casa chamado Terra, que por

ser corpo é interconectado.

Nesta perspectiva, é plausível apontar que hoje através dos reflexos do antropoceno e com os acontecimentos gerados pelo aquecimento global, a Teoria de Gaia, ganhou mais prestígio e está sendo resgatada.

Outra hipótese a ser vista é a do geoquímico e mineralista russo Vladimir Vernadsky, através do seu livro “Biosfera”, publicado pela primeira vez em 1926, onde propôs uma releitura e aprofundamento, da palavra “biosfera”, antes abordada pelo geólogo austríaco Eduard Suess. O livro aponta que a biosfera se estende desde metros abaixo da linha do solo até a camada da superfície terrestre, e inclui todos os seres vivos, mas também os materiais considerados equivocadamente inertes, como os minerais, rios, cadeias montanhosas, entre outros. Para ele todos os organismos humanos e não humanos estão ligados, bem como, desenvolvem cada qual um papel importante para a manutenção da vida na Terra. A água por exemplo

“156. Na terra, a água está em constante movimento, fazendo parte de um processo cíclico geoquímico. A energia cósmica é expressa dessa maneira em nosso planeta na mesma medida que através do trabalho geoquímico da vida. A ação da água, no mecanismo de toda a crosta terrestre, é absolutamente decisiva, e esse fato se manifesta ainda mais força na biosfera. A água não só participa, em mais de dois terços do seu peso médio, na composição da matéria viva, mas sua presença é uma condição essencial para a reprodução de organismos, para a manifestação da energia geoquímica. Graças à água, a vida é parte integrante do mecanismo planetário. Na biosfera, não apenas a água é inseparável da vida, mas também a vida não é separável da água. É difícil estabelecer onde começa a influência de uma, da água, e onde termina a da outra, a matéria viva heterogênea. (...)” (VERNADSKY, 1926, p. 203-204).

A ciência se alimenta dos saberes originários. Esta ideia de uma interdependência entre as espécies já é exercitada pelos povos das “florestas”, como os indígenas, quilombolas, aborígenes e caiçaras. Segundo Ailton Krenak, um dos grandes pensadores brasileiros, além de ser uma importante liderança indígena, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), a capacidade destes povos de ter respeito, zelo e sabedoria vem do aprendizado enraizado, como parte de suas culturas. Pois através de suas convivências e observações do viver nas matas, florestas e mares, compreendem que se não tiverem o cuidado com os ecossistemas onde vivem, a natureza reage em escassez, como a falta de alimento, ar sadio e chuva.

“Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos

e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi onquist-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. Ao que seu facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra.” E o camarada disse: “Qual é o problema?” (KRENAK, 2019, p. 17).

Além disso, essas narrativas dos povos originários nos ensinam muito sobre a capacidade deles de enxergarem o mundo por todas as suas camadas, considerando todas as vidas.

Tendo em vista os aspectos abordados, é possível afirmar que estas teorias e narrativas se entrelaçam, Gaia e Biosfera são a natureza e o seu movimento de auto regulação do planeta Terra, a cultura de interdependência entre espécies precisa ser exercitada por todos, como uma política diária, acessível e replicável no dia a dia por meio de uma educação que não separe o humano, a natureza e a cultura.

BAÍA DE GUANABARA

Em seu passado majestoso antes da colonização, a Baía de Guanabara transbordava em vida, a partir da sua entrada com águas verdes, calmas e cristalinas se encontravam bem protegidas 23 ilhas no seu interior. Os indígenas se referiam a ela em tupi como Guana-bara (seio + mar = “seio do mar” ou “seio de onde brota o mar”) ou como goanã-pará (de gwa = baía + nã = semelhante + ba’ra = mar) que significaria “baía abrigada”.

De acordo com o geógrafo e ambientalista Elmo Amador, em seu livro *Bacia da Baía de Guanabara* (2012), as virtudes eram muitas, como os manguezais que se estendiam por quase todo o litoral, com enseadas e estuários que asseguravam a produtividade biológica da baía, como a abundância de pescados que serviam de alimento para baleias e golfinhos que buscavam abrigo para parir seus filhotes.

“Em suas águas e nos ecossistemas periféricos proliferavam imensos cardumes de sardinhas, tainhas, xereletes, cocorocas, corvinas e robalos; enormes colônias de moluscos, como mexilhões, ostras, samanguais, berbigões e sernambis; muitos camarões; e diversos tipos de caranguejos e siris, que lotavam os manguezais e as praias” (2012, p. 370).

O autor ainda explana sobre a bacia hidrográfica, formada por cerca de 50 rios e córregos que despejavam suas águas na Baía de Guanabara através dos seus afluentes.

Hoje as condições deste cenário mudaram, por mais que a paisagem a olhos vistos continue transmitindo uma beleza, existem as camadas dentro desta paisagem que não são

tão belas assim, foram “produzidas” pelo mesmo homem moderno e sua população de colonizadores, que só extraíram as dádivas que “jorravam pelo seio” da baía.

As suas águas recebem milhões de litros de esgoto doméstico em natura, bem como, são contaminadas pela ação do parque industrial instalado próximo ao seu entorno, mais fortemente na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, destaca-se ainda os detritos descartados pelas indústrias sediadas nas cidades de Niterói e São Gonçalo, que concentram respectivamente, 53% e 6% da capacidade industrial do estado, como indicam os geógrafos Paulo Gusmão e Claudio Egler, no livro *Baía de Guanabara: passado, presente, futuros* de 2017.

Além disso, eles elaboram sobre os reflexos dessa atividade que contaminam com substâncias tóxicas os ecossistemas costeiros, como manguezais e estuários, que se encontram às margens da baía, e como esses dejetos contínuos acarretam no desaparecimento de muitas espécies.

Na Guanabara, até a sua vista foi comercializada e superfaturada sem nada ser revestido para a sua limpeza e conservação. Muitas “arquiteturas” foram criadas em suas margens, para serem “integradas” a um ambiente que padece pela exploração excessiva, aterramentos, desigualdades sociais e apagamentos das comunidades tradicionais, como a de pescadores artesanais e as populações caiçaras em geral, que sofrem ainda mais com a impossibilidade de viverem à sua própria maneira, exercitando suas práticas de subsistência a partir da pesca.

GRADIM

“A anáfora é o processo pelo qual uma existência tenta conquistar mais realidade, enquanto que a instauração é o gesto pelo qual ela quer afirmar um direito de existir. As duas são inseparáveis. A intensificação da realidade de uma existência tem sempre como correlato a afirmação de seu direito de existir. Como esse direito não é mais atribuído por um fundamento soberano, é preciso conquista-lo por outros meios. Mas o que acontece quando estamos totalmente despossuídos do direito de existir segundo determinado modo? Quando não há mais nenhuma saída? Você tem o direito de existir, é claro, mas não dessa maneira, nem dessa outra maneira, nem de nenhuma maneira... A questão é tanto política quanto estética.” (LAPOUJADE, 2017, p. 103).

Os reflexos do antagonismo entre natureza, homem e cultura são sentidos cada vez mais de perto, um vislumbre disso é a situação que se encontra São Gonçalo, cidade localizada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, que sofre com o legado de uma industrialização corporativa.

A modificação no espaço do município se desenvolveu mais fortemente a partir da

década de 1940, com a chegada das indústrias têxteis, isso fez com que a cidade mudasse de uma economia agroexportadora para uma sociedade urbano-industrial, como indica a geógrafa Cátia Antônia da Silva. Além da instauração das atividades industriais, ocorreu a implementação de serviços, comércio e gestão pública, como consequência se sucedeu um grande êxodo rural para a cidade, o que acelerou uma expansão das periferias forçadas pelos loteamentos clandestinos.

Na medida que a expansão urbana vai se tornando mais densa, os lotes e casas tornam-se mais próximos uns dos outros e a contaminação do lençol freático por esgoto e resíduos químicos passam a ser um risco para os habitantes, o que torna fundamental a instalação de redes de abastecimento de água e de tratamento de esgoto. Assim ocorre também com a concentração de lixo no município.

Com a falta de políticas públicas que assegurem este saneamento e cuidado hoje, São Gonçalo é um dos municípios em que sua paisagem sofre com o acúmulo de sua própria poluição. Onde seu esgoto e resíduos acabam sendo despejados na baía de Guanabara, pelos rios e córregos que são como veias e fluem todos os dejetos para o mar.

Cabe ressaltar que mesmo com todo este cenário à primeira vista estéril, na esfera ambiental, ainda existe uma população caiçara remanescente ao longo de seu litoral. Como a encontrada em uma das margens no cais do porto de Gradim, bairro onde funciona o mercado de peixe, que recebe boa parte da produção do pescado da cidade, para venda.

Residem próximo ao rio, onde fixam suas embarcações nas horas de folga. O rio é a conexão direta com o trabalho, pois é por ele que os pescadores se deslocam em direção à Baía de Guanabara. Portanto, a importância das melhorias ambientais para esta população é tão importante; os pescadores são memória e raiz de um vínculo com nossas matrizes ancestrais que nos aproximam do que perdemos, em favor da criação de grandes centros urbanos inchados, deixando de cuidar da nossa conexão com Gaia.

Nesse contexto os pescadores, e a população caiçara em geral, perde seu direito de existir e exercitar sua cultura em forma de vida, pois para aqueles que dependem das boas condições do ecossistema marinho, viver em uma cidade arrasada pelo passado industrial predatório os asfixia a todo instante. Ao mesmo tempo, sofrem também com a marginalização dos espaços onde circulam, já que em sua maioria, são áreas muito pobres, onde persiste a baixa escolaridade e os subempregos. Com a falta de ações do poder público local, são submetidos aos mandos e desmandos, tanto do tráfico que já atuava nessas comunidades, quanto das ações paramilitares (milícias), que atualmente brigam por estes territórios. Por ser um ponto estratégico de possíveis escoamentos clandestinos. Desse modo, o lugar também sofre com o inchaço da comunidade ao seu redor, facilitando o aparecimento de valas clandestinas, em decorrência da falta de saneamento básico abrangente, a poluição é acelerada e com variedade de materiais, por ser uma área costeira, com presença industrial. Por conta deste panorama, a comunidade padece de desastres de tempo em tempos, como acidentes sofridos

após enchentes e até incêndios.

“O mesmo ocorre em Gradim, na área denominada “Favela do gato”. Na verdade, não é reconhecida pelos moradores mais antigos como favela, mas como comunidade de pescadores, porque se trata de formas sociais e históricas de transformação identitária dos locais de moradia, de elaboração de redes e de manutenção de barcos, além de ser área de embarque e desembarque durante as atividades de trabalho.” SILVA, 2014, p. 52).

Figura 1 - Mostra o despejamento de esgoto próximo ao cais do Gradim, além de reforçar a proximidade da mesma com a BR 101, em São Gonçalo, imagem de drone, registrado no ano de 2020.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 2 - Barcos ancorados no cais do Gradim, registrados no ano 2020.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 3 - Mercado de peixe no cais do Gradim, localizado na favela do Gato, às margens da Baía de Guanabara, no ano de 2015.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 4 - Incêndio próximo ao cais do Gradim, no ano de 2021.



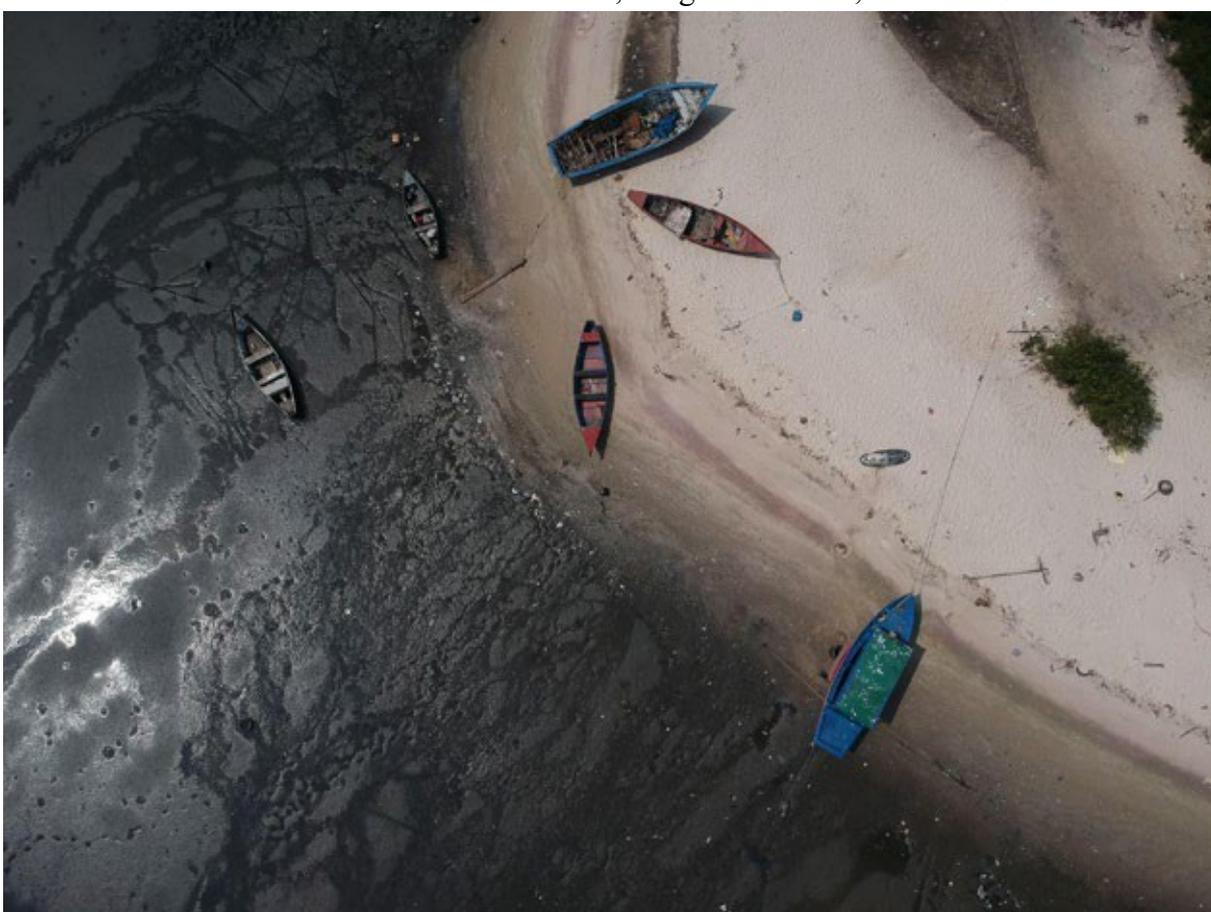
Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 5 - Praia das Pedrinhas vista de cima, lugar próximo ao Cais do Gradim, onde se atracam barcos e se realiza a manutenção de ferramentas para pesca, imagem de drone, registrada no ano de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 6 - Praia das Pedrinhas em maré baixa, presença de grande acúmulo de lixo e esgoto, misturados à lama natural do local, imagem de drone, feita em 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 7 - Mangue remanescente, encontrado na Praia das Pedrinhas, nos dias de hoje, ele é cercado por estaleiros e indústrias, imagem de drone, feita no ano de 2021



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 8 - Espécie de caranguejo encontrado no mangue da Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo, registro realizado no ano de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 9 - Raízes de mangue, que crescem disputando espaço com o lixo, encontradas no mangue da Praia das Pedrinhas, registro feito em 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 10 - Peixes pescados na Baía de Guanabara, registro feito no ano de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

EXPERIÊNCIA PURA: A MARGEM QUE ME TOCA

Deparar-se com o território e com o que encontramos nele, é sempre lidar com o desconforto que a realidade pode causar, mas também, o deslumbre de um novo campo carente de discussões. São como janelas e portas, escolhas que podemos seguir. Tudo sendo guiado pela vivência da experiência, onde o corpo e mente criam uma porta de entrada, como um sensor, para os gatilhos e fagulhas que se acenderão, em um processo entre a intuição e a consciência de um ato inaugural.

Quando ocorre através de um corpo coletivo, é importante fazer reverberar e deixar irradiar, criar estratégias para incendiAR este corpo, formado por múltiplos corpos, para que se espreguicem, criem órgãos e funções involuntárias.

Apresento aqui, neste espaço aberto para a materialização do pensamento, reflexões sobre o trabalho “Entornos: Vozes de Gradim” (2015-2016), curta metragem que me envolvi a construir, na colônia de pescadores do Gradim, localizada no município de São Gonçalo, às margens da BR 101, banhada pela Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Com a ajuda de outros artistas visuais, bem como, da comunidade de pescadores locais, ao qual eu também faço parte. Neste processo, analiso como um evento ou uma ideia disparadora de consciência, pode gerar novos futuros e possibilidades.

Este não é um debate inteiriço, pois falo enquanto um dos órgãos, minha fala é a expressão de uma artista, propositora e geradora de ações sensíveis, que também é local, entretanto, diferente do meio, meus privilégios brancos me trouxeram até aqui. Defendo como essa experiência se tornou importante para o desenvolvimento do meu trabalho hoje, enquanto artista, pesquisadora e filha de pescador artesanal.

Assim, “Entornos” nomeia o que enquanto corpo coletivo encontramos ao nosso redor, as falas, paisagens e desafios, algumas camadas da resiliente cultura caiçara urbana, encontrada em Gradim.

“ENTORNOS: VOZES DE GRADIM”

No curta metragem, partimos da perspectiva das falas dos pescadores e suas vivências no meio, o meu pai, Jorge da Cunha Pinheiro, mais conhecido como Pirulito, era o narrador. Mas ao mesmo tempo, a sua fala era a pausa de mudança para discussões e ambientes, por ser um dos pescadores mais antigos, sempre tinha algo a dizer, além de já ser mais familiarizado com a câmera, ela não o intimidou. Então, através das análises das imagens ele ganhou essa função no curta, era o agitador. As entrevistas foram conduzidas de forma intuitiva, mas mantendo um manejo das perguntas, a entrevista como recurso, ferramenta eficaz na construção e no acesso ao compartilhamento da experiência. Por isso a importância de criarmos uma conexão com o outro, estávamos lá para ouvir. Com a “câmera na mão”, ou seja, os

equipamentos eram precários, mas esse não era o ponto, o sentido era ser afetado e pensar como iríamos afetar. As imagens tinham que prezar pela memória do lugar, tanto do que ele foi, bem como, do que ele se tornou, naquele momento que gravamos, pois o território se modifica a todo instante. As perguntas que gostaríamos que aflorassem com este trabalho eram: Que lugar é esse? Qual o peso das nossas escolhas, enquanto humanos? Que humanos somos? De que falas são feitas essas histórias? Qual a importância de contar essas histórias?



Figura 11 - QR code do curta “Entornos: Vozes de Gradim”

Fonte: Imagem produzida pelo autor

Figura 12 - Gravação no bairro do Boáçu, área de moradia e ancoramento dos barcos dos pescadores. A importância da proximidade entre o porto e a casa, registro feito no ano de 2015.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 13 - Gravação realizada próximo do cais do Gradim em dia de maré baixa. Registro realizado em 2015.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 14 - Gravação no rancho, terreno da minha família onde os barcos e redes são consertados, são lugares comuns encontrados em zonas de pesca artesanal, este fica localizado na praia das Pedrinhas, registro feito em 2015.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Nesta proposta de escrita, exploro a noção de Experiência Pura conceito extraído dos estudos do filósofo e empirista William James, através da interpretação de David Lapoujade. Em suas ponderações, ele se debruça sobre como a união de corpo e mente, geram um movimento daquilo que se torna consciente, para ele é preciso liberar a experiência de toda forma preexistente. Um método de mergulho, em um mundo em fluxo e ainda se construindo.

“A consciência não se define como uma realidade substancial, nem mesmo como um ato reflexivo; ela é o movimento daquilo que se torna consciente.” (LAPOUJADE, 2017, p. 12).

Entretanto é importante compartilhar algumas bases de onde esse conceito de Experiência Pura nasce, ele é pensado dentro do empirismo radical defendido por William James, por isso, seguem algumas definições importantes:

EMPIRISMO - DEFINIÇÃO

O termo “empirismo” vem do grego, sua tradução para o latim é *experientia*, que significa experiência em português. Na filosofia, o Empirismo é uma teoria do conhecimento que analisa o processo de criação da experiência. Um dos pontos essenciais do empirismo em geral é a construção do plano que permite observar como são feitas as ultrapassagens, as crenças, os julgamentos etc. Acredita que nada está preestabelecido, no qual todo conhecimento e certeza, mesmo que virtual, precisa ser construída (LAPOUJADE, 2017, p. 23).

EXPERIÊNCIA PURA - DEFINIÇÃO

Em sua contribuição para a filosofia empirista, o filósofo americano William James aborda sobre a “Experiência Pura”, um estudo sobre as vivências, um momento primeiro dentro de um evento, um fluxo de vida imediato, bem como, a mesma seria inseparável da consciência, além disso, em sua concepção tudo é composto por um material físico-mental e a experiência é como um tecido, feito de retalhos (LAPOUJADE, 2017, p. 27-28).

“(…) Trata-se dessa vez de mostrar que existe um plano de pensamento que precede todas as categorias psicológicas ou filosóficas tradicionais e que estas últimas, longe de serem constitutivas, devem, pelo contrário, ser constituídas a partir desse plano. O sujeito, o objeto, a matéria e o pensamento são descritos não como dados ou formas a priori, mas como processos que se formam no pensamento ou fora dele.” (LAPOUJADE, 2017, p. 12).

À medida que esses conceitos foram me inundando, acabei refletindo sobre como a Experiência Pura é um aquilo, um não ainda, não há uma forma construída, ainda se moldando,

que liga passado e futuro num mesmo presente contínuo. O curta “Entornos: Vozes de Gradim” foi uma oportunidade de ver e fazer ver. A partir dele tudo se ressignifica.

Nesta busca minha, para compreender minhas próprias escolhas e experiências, analiso que a oportunidade de ajudar a criar a primeira ação e encontro possível, no lugar onde moro, foram tempos muito importantes para minha jornada. Pude voltar a me envolver com as questões cotidianas da família onde cresci, me relacionar com o coletivo, tentar pensar estratégias de ação, para a não invisibilidade, mas também, estratégias de sensibilização, de usar as ferramentas da arte para não só, nos vermos melhor, mas também deixar ver. É preciso se envolver, escolher um lado, cuidar de uma luta, a não escolha também é uma escolha. Eu acredito em um pensar coletivo, sendo parte de um coletivo, de uma rede de agitadores e despertadores de sentidos, fazer parte da constelação e gerar energia. Para Ailton Krenak em seu livro “A vida não é Útil” (2020), a uma grande importância em fazer parte da constelação e a relevância de resgatarmos nossos saberes originais, o que podemos aprender com eles.

“Essa experiência de uma consciência coletiva é o que orienta as minhas escolhas. É uma forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica. Estamos andando aqui na Terra, mas andamos por outros lugares também. A maioria dos parentes indígenas faz isso. É só você olhar a produção dos mais jovens que estão interagindo com o campo da arte e da cultura, publicando, falando. Você percebe neles essa perspectiva coletiva. Não conheço nenhum sujeito, de nenhum povo nosso que saiu sozinho pelo mundo. Andamos em constelação.” KRENAK, 2020, p. 12).

Bem como, na época em que o trabalho foi realizado, a busca por convidar pessoas e amigos a participarem desta empreitada no abismo das intuições, era uma oportunidade de ver de uma outra forma, com o olhar emprestado dos forasteiros que me acompanhavam. Eram alunos do curso de mídias e cinema da UFF, eu também ainda estava na graduação, o que potencializou ainda mais, a minha mudança de rota e escolhas, um caminho para se pensar um possível.

Em um lugar que pulsa em tensões diárias, como disputas territoriais entre pescadores e grupos paralelos, a briga pelo pão de cada dia, mas também o incômodo maior, o da poluição ambiental na região, enfrentado mais fortemente pela colônia de pescadores, nas últimas duas décadas. A crise climática mundial e possivelmente a era onde poderá ocorrer o maior índice de espécies extintas, fica mais visível para nós quando fazemos ver que ela está mais perto a cada dia.

A colônia e seus arredores é um exemplo, ou um microcosmos, cheios de sinais que ocorrem em várias partes do planeta Terra, mostrando que o não cuidado com as vidas humanas e não humanas, podem causar a baixa qualidade de vida e o desaparecimento de

múltiplas espécies, conseqüentemente a perda da memória; nossa morte absoluta.

Logo, nós enquanto testemunhas, cúmplices e ao mesmo tempo vítimas desta crise ambiental, reconhecemos e assumimos um papel enquanto artistas, agentes e propositores. Com uma responsabilidade a cumprir, não de passividade, mas de ação, através de uma co-criação enquanto multiespécie. Seria como produzir uma outra dobra, um desdobramento em outros significados. Diante da crise ambiental, tentar com o nosso trabalho sensível germinar novas histórias e pontos de vista do que presenciamos. Para com isso trazer essas discussões sociais e ambientais para adentrar em outras bolhas, fazer girar através do olhar e sentidos do expectador, que seria convidado a ser uma outra testemunha. Exatamente neste entrecruzamento entre bolhas (arte - ativismos ambientais - sociais), estão as discussões mais acaloradas da interdependência entre crise artística e ambiental.

Através das interpretações de David Lapoujade, sobre o inventário dos diferentes modos de existência, realizado pelo filósofo Étienne Souriau (2017), me aproprio dos pensamentos dele para refletir sobre o lugar da testemunha, o sujeito que percebe. Pois, para Souriau, a percepção estética nunca é neutra ou desinteressada. É fazer agir sobre algo em que somos testemunha privilegiada. O que ocorreu no processo do “Entornos”, éramos naquele lugar testemunhas da ruína, do colapso ambiental, mas também, da potência cultural que emanava daquele território. Para Souriau os artistas, os filósofos, qualquer que seja o papel que atribuam, são ao mesmo tempo advogados, cujos diversos sistemas discorrem a favor das novas entidades que instauram e cuja legitimidade querem atestar. Eles fazem existir novas entidades, produzem novas realidades

“A testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de fazer ver aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar. Ela se torna um criador. De sujeito que percebe (ver), torna-se sujeito criador (fazer ver).” (LAPOUJADE, 2017, p. 22).

Dessa forma, o movimento de engatilhamento realizado ao longo do “Entornos”, continuou se ressignificando ao longo do tempo e me sensibilizou pensar duas questões: O corpo que vivencia a experiência, o que esse corpo significa, o que se torna (o sujeito, o objeto, a consciência, o corpo), do ponto de vista da experiência pura? Do que uma consciência necessita para que possamos agir, ou seja, como aumentar nossa potência de agir?

AGIR NA ESCUTA PARA DESORGANIZAR O MEIO

“Porque nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não faz outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.” (KRENAK, 2019, p. 30).

A arte conclama a realização de trabalhos de reativação, ressurgência e regeneração em um mundo que vivencia o colapso e as crises de referências. Instaurando modos de existência que não existiam. Uma invenção de mundos e modos de ser, mas ao mesmo tempo, não se realiza nada sozinho, há sempre uma força que se conecta, um embrionário que gesta e nutre. Nossos ancestrais, relações e o próprio meio ambiente nos instiga, vivemos em um mundo de redes e conexões.

Através disso, quero lembrar que toda experiência pode ser uma criação de vínculo e conexão, bem como, uma força catalisadora que pode nos levar a perceber novas saídas, para nossas lutas.

O ENCONTRO pode ser a atmosfera afetiva para se criar esperança e “espaço” para o exercício dessa afetaÇÃO, além disso, o ambiente onde também possa nascer a confiança, que em paralelo, deixa emergir uma forma, ou combustível, para a caminhada coletiva.

Trago aqui uma visão sobre o corpo da experiência, mas não é qualquer corpo, é o meu, enquanto criadora de encontros, um ser PROPÁGULO (o propagador de sementes germinadas). Quero me debruçar sobre algumas análises do corpo do multiplicador. Como ele pode afetar e gerar empatia em outro, a fim de despertar novas formas de consciência, e engatilhar movimentos de regeneração, tudo isso tendo a arte como ferramenta.

Neste contexto, trago comigo alguns conceitos, o de arquitetura e relações interespecíficas da Natureza Contemporânea de Emanuele Coccia, que me ajudam a refletir sobre uma pesquisa de invenção ambiental, ampliada pelo filtro de Joseph Beuys, para a atualização da escultura social como coevolução e co-criação interespecífica, este é o foco de singularidade do meu processo de pesquisa artística, uma escultura de multiespécie. Bem como, o conceito de “pragmatismo”, pautado por William James, como ferramenta para germinação de ideias que friccionam movimentações. Mas também, desvelo métodos desenvolvidos por mim, através da observação no meio onde vivo. Como a criação de metáforas, através das espécies de plantas, palavras, objetos e outros seres que congelam o meu cotidiano, para me fazer ver com outra lente.

Sendo assim, depois de compor no processo para o curta metragem “Entornos: Vozes de Gradim”, decidi que iria continuar a pensar nas urgências ambientais, vivenciadas pela

colônia de pescadores ao qual cresci, reconheci com o meu trabalho, uma forma de compor a luta destes homens e mulheres do mar, afinal, acredito que toda arte tem a sua parcela política, já que é uma reverberação de um ser, que vive e se constrói na sociedade, bem como, enxergo que o meu trabalho esbarra em questões, entre arte e ativismo ambiental.

Assim, é um trabalho que não se trata de lamentar um tempo nostálgico, nem de apontar os responsáveis e exigir reparação, mas ao contrário, visa incentivar ações e práticas situadas, norteadas pelo conceito de escultura social e pelo pragmatismo, que convocam ao deslocamento dos corpos, através das práticas estéticas.

Uma experiência semeia outra. Com essa afirmação, introduzo o trabalho que realizo hoje, o *aGradim (Programa de Ações Regenerantes + Ser Propágulo)*, e que irei relacionar com os conceitos citados acima. O *aGradim* é um terreno, um espaço que é da minha família, localizado na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo, tem uma importância local para os pescadores, é lugar de convivência dos mesmos, por ser um espaço onde se consertam barcos e redes a beira do mar. Mas também, é onde hoje realizo ações sensíveis para com a comunidade, e lugar em que desenvolvi um programa de ações/residências para artistas, ao longo dos anos de 2020 e 2021, parte desta experiência será apresentada aqui, para isso compartilho algumas definições:

aGradim: Lugar inventado, com o futuro ainda agindo sobre ele. Espaço de coexistência e aprendizado mútuo, que acolhe cuidados e ações estéticas. Na sua raiz da palavra, busca ser um pequeno agrado, em um lugar degradado, é também um terreno para irradiações, onde possam se formar ideias e movimentos, que visem fortalecer a importância da cultura caiçara local, além de fomentar uma consciência ecológica. Localizado na rua Professora Maria Joaquina, número 3679, no bairro Boa Vista, dentro da colônia de pescadores artesanais da Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo (RJ). Lugar que recebeu o Programa de Ações Regenerantes, uma residência para seis artistas ao longo de quatro meses, entre setembro de 2020 e janeiro de 2021, com encontros virtuais e presenciais, em favor da pandemia da COVID-19. Onde cada um dos artistas convidados pôde vivenciar e participar de ações. Bem como, de “testemunhas participativas”, se tornaram multiplicadores, logo em seguida, puderam criar ações de partilha, para que a comunidade pudesse se envolver.

Figura 15 - aGradim, espaço que recebeu a residência para artistas, com ações presenciais, em janeiro de 2021, mas também, promoveu oficinas e ações desenvolvidas para a comunidade pe- los artistas participantes ao longo do mesmo ano. Registro feito em janeiro de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 16 - O aGradim também é espaço de coexistência, onde funciona uma oficina para barcos e redes, local de convívio de pescadores artesanais. Registro feito em janeiro de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Programa de Ações Regenerantes: Como o nome já diz, foi um programa de ações, onde seis artistas foram convidados a vivenciar o território da Praia das Pedrinhas e arredores, por quatro meses, entre setembro e janeiro de 2021. Depois, cada um pode criar o seu trabalho de irradiação que foi mesclado com ações de vínculo para a comunidade. Trabalhos relacionais, com um processo afetivo, antes, durante e depois, respeitando o lugar, as pessoas e sua cultura local. O programa enfrentou algumas modificações por causa da pandemia de COVID 19, por isso suas atuações começaram de forma virtual, até ocorrerem de maneira presencial, em janeiro de 2021. Os artistas puderam interagir com pesquisadores que estudaram a região, foram realizados seminários, para que os artistas pudessem conhecer de alguma forma, o território onde iriam atuar, entre setembro e dezembro de 2020, onde receberam a presença de lideranças locais. Foram encontros, onde o sentido de presença foi tensionado, os artistas não se conheciam. Entre 26 a 28 de janeiro de 2021, tomando todas as medidas de cuidado contra a pandemia, eles se encontraram no *aGradim*, para uma imersão de três dias. Realizaram caminhadas coletivas, incursões no mangue e rodas de conversa, com pescadores, rendeiros, familiares dos pescadores e comunidade em geral. Logo após isso, começaram a desenvolver seus trabalhos, como os mesmos iriam reagir a experiência vivenciada e de que maneira iriam construir seus pontos de vista, cada um criou uma proposta textual que nutre a publicação “Propágulos: Semeando Florestas de Marés”, feita de forma artesanal e coletiva, pelos artistas participantes e comunidade, que se envolveram através das oficinas oferecidas no *aGradim*.

ROTEIRO DAS AÇÕES, DE 21 DE SETEMBRO DE 2020 À JANEIRO DE 2021

1 – Cardume que malha é essa?

Encontro virtual entre os dias 21 à 26 de setembro de 2020, onde os artistas puderam se apresentar, se reconhecerem e trocar experiências. Se conectarem.

2 – Seminários: Te digo de cadeira!

Encontro virtual que ocorreu duas vezes ao mês, entre 26 de outubro e 18 de dezembro de 2020. Com os artistas convidados do programa de ações, pesquisadores locais e lideranças importantes da comunidade pesqueira da Praia das Pedrinhas. Debatendo temas como território, pertencimento e memória.

3 - Mergulho: Ações presenciais no aGradim

Encontro presencial entre os artistas convidados, pescadores e comunidade local, na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo. Durante três dias, entre 26 à 28 de janeiro de 2021. Além disso foi proposto caminhadas coletivas para reconhecer a paisagem, como visitas ao mangue da praia.

4 - Oficinas e imersões para a comunidade local

Entre março e maio de 2021 foram realizadas oficinas onde os artistas e comunidade local puderam se envolver, para a fabricação de uma publicação coletiva “Propágulos: Semeando florestas de marés”. Foram oferecidas oficinas de papel artesanal e de desenho e observação no mangue.

5 – Encontros entre os artistas para a criação e compartilhamento dos escritos propostos por cada um, entre maio e julho de 2021.

6 – Cardume: Toda ação é uma incursão a um ponto misterioso.

Mostra expositivas, que esteve em cartaz no Cenarte Dimensões (escola e centro de arte), espaço em São Gonçalo, que acolheu os trabalhos realizados pelos artistas convidados no “Programa de Ações Regenerantes”, entre 11 de setembro à 07 de novembro de 2021. Durante a mostra foram realizadas programações para a ativação dos trabalhos expostos, como visitas de escolas ao espaço e oficinas dadas pelos artistas participantes.

Figura 17 - Registro das caminhadas realizadas na colônia de pescadores, ao longo da imersão presencial, em janeiro de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 18 - Registro dos encontros entre artistas convidados e alguns pescadores locais, na Praia das Pedrinhas, realizado em janeiro de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 19 - Registro dos encontros entre artistas convidados e alguns pescadores locais, no aGradim, realizado em janeiro de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 20 - Registro das caminhadas realizadas no mangue da Praia das Pedrinhas, próximo ao aGradim, onde os artistas tiveram contato com a degradação, mas também com a vida naquele lugar, puderam reconhecer espécies de plantas, animais e resíduos humanos também (lixo, esgoto e poluição em geral), modificando o olhar deles para a experiência, em janeiro de



2021.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Propágulos: São tipos de sementes, como a de mangue vermelho, sua principal característica é a rápida propagação, pois são germinadas ainda presas às “árvores mãe”. Quando caem no solo, por terem uma anatomia fállica, perfuram a terra e ao encontrarem o ambiente propício, como o alagadiço e rico em matéria orgânica do mangue, logo se proliferam. Ao perceber essa existência em forma de espécie de planta, logo percebi como ela se parecia com o meu entendimento do que vem a ser um “multiplicador sensível”. Os dois são propagadores de suas matrizes, são germinados e a partir disso, depois caem, brotam e crescem. Enxergando por um viés metafórico o SER PROPÁGULO, pode ser germinado por algo, experiências, vivências ou outras ações, tem o desejo de multiplicar nos cantos. O SER PROPÁGULO traz essa perspectiva dentro de si, germinar sementes que possam ser multiplicadoras, que levem a agir, mas também, compreendendo que os lugares mudam e que o afeto compartilhado deve engatilhar ações possíveis, que contribuam para oxigenar e buscar saídas em ambientes degradados. É também metáfora do ato performativo, o ser propagador de encontros sensíveis, resumido em uma única palavra: PROPÁGULO. Durante o Programa de Ações Regenerantes, realizado no *aGradim*, eu comecei a dar mais forma para a minha atuação como artista e condutora dessa experiência, tanto para os outros artistas, como para a própria comunidade onde vivo. Através disso, hoje já me apresento como Propágulo, criei um uniforme para utilizar durante as ações sensíveis criadas por mim, uma roupa ativa, que se utiliza da praticidade e função do uniforme. Entretanto, o SER PROPÁGULO não depende desta vestimenta, é uma escolha de agir e se locomover no mundo, uma forma de existir e potencializar outras existências.

Figura 21 - Imagem de uma semente de mangue vermelho, germinada e com sua raiz



brotando.

Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 22 - Imagem durante os dias de imersão com os artistas convidados, em janeiro de 2021, onde acompanhei e criei todo o roteiro de caminhadas e ativações na colônia de pescadores.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 23 - Registro da oficina de desenho e observação realizada no mangue da Praia das Pedrinhas, realizada por mim em maio de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 24 - Registro de uma das ações de conscientização das espécies encontradas no mangue, com a comunidade das Pedrinhas, em 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 25 - Registro de uma das ações de limpeza realizadas no mangue, com a comunidade das Pedrinhas, em 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 26 - Registro do uniforme Propágulo confeccionado e em uso, durante ações em maio de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Para vislumbrar as questões que se relacionam com o *aGradim (Programa de Ações Regenerantes + Propágulos)*, e tudo que vem junto com ele, preciso adentrar nas discussões conceituais que se amalgamam a este trabalho. Um trabalho que visa compartilhar o processo de uma multiplicadora de ações sensíveis como eu, em um “mundo” ainda sendo construído, ou por se fazer.

Em relação a isso, nas minhas pesquisas encontrei com o trabalho revolucionário de Joseph Beuys, seu olhar de como a arte pode ser uma força revolucionária, mas também democrática e me instigou a ver minha atuação pelo olhar do conceito de Escultura Social. Em sua atuação artística, Joseph Beuys formula o conceito de Escultura Social que, segundo o próprio artista, tem como fundamento a ideia de calor, ebulição e transformação. Para Beuys, a arte é o princípio de uma forma de atuação, de atitude a partir do pensamento e da fala que podem provocar transformações, que possam fazer o ser humano estar em contínuo questionamento do que está pré-estabelecido, bem como, reflete sobre como moldamos e formamos o mundo em que vivemos. O conceito de Escultura Social se caracteriza por uma escultura em processo, nunca fixa ou acabada, Kuoni (1993, p. 19).

“Meus objetivos devem ser como estimulantes de transformação sobre a ideia de escultura, ou da arte em geral. Devem provocar pensamentos sobre o que pode ser escultura e como o conceito de escultura pode se estender para materiais invisíveis utilizados por todos. FORMAS DE PENSAMENTO, como nós moldamos nossos pensamentos ou FORMAS DAS FALAS, como nós formamos nossos pensamentos em palavras ou ESCULTURA SOCIAL, como nós moldamos e formamos o mundo no qual nós vivemos: ESCULTURA COMO UM PROCESSO EVOLUCIONÁRIO, TODOS SÃO ARTISTAS. Eis o porquê da minha escultura não ser fixa ou acabada. Processos contínuos: reações químicas, fermentações, mudanças de cores, apodrecimento, surgimento. Tudo está em estado de mudança.” (KUONI, p. 19, 1993).

Busco com esse entrelaçar de ideias, ver o processo do *aGradim (Programa de Ações Regenerantes + Propágulo)* como algo em desdobramento constante, um espaço onde ideias possam tomar força e forma, onde os multiplicadores sensíveis podem ser germinados. Onde as ações oxigenadoras são as pessoas que fazem, trabalham e agem para essa ideia existir, e continuar crescendo. Acredito que muito dessa capacidade de desdobramento vem do meu ebulir, ou seja, do meu processo criativo contínuo enquanto propagadora, criando novas redes de conexões para ações. O que me aproxima do trabalho de Beuys, mas ao mesmo tempo, me pergunto sobre a duração destes trabalhos de escultura social, o que esse tempo prolongado significa para as ações realizadas, nos lugares em que são realizadas, há de se ter muito cuidado com esses envolvimento, cuidado ao cuidar, cuidado em fazer agir e de que maneira se escolhe agir, é um trabalho situado, em uma comunidade que carece. O papel desse artista

multiplicador local tem de ser um trabalho pautado na escuta, tanto do lugar, bem como, da comunidade.

Neste contexto, a Escultura Social é uma ferramenta para se criar mundos e redes, mas também, necessita de estratégias que operem nessa afetação do outro. Para isso, em meu trabalho faço a união entre o conceito de Pragmatismo, difundido na teoria Empirista de William James, ao de Escultura Social de Joseph Beuys, como um meio para se criar métodos e gerar a ação dentro dessa escultura (aGradim).

De acordo com as observações de David Lapoujade sobre a obra de William James, o pragmatismo não é uma filosofia, é um método para se escolher entre filosofias, ferramenta para a criação, não o método da criação, concebe ideias como causa para a ação que nos permite criar e avaliar:

“Em primeiro lugar, ele é um método de avaliação prática. Ele examina as ideias, os conceitos, as filosofias, não mais do ponto de vista da sua coerência interna ou da sua racionalidade, mas em função da sua “consequência prática”. Devemos avaliar as ideias segundo seu objetivo de nos fazer agir ou pensar. É exatamente o mesmo que fazer a seguinte pergunta: o que é que faz a verdade das nossas ideias? Ou então: como uma ideia se torna verdadeira? Como se faz uma ideia verdadeira? Portanto, o método pragmatista é, em segundo lugar e inseparavelmente, uma ferramenta de construção (...)” (LAPOUJADE, 2017, p. 13).

Ao fomentar a criação de ideias para a construção da experiência como um todo, penso que o pragmatismo também levanta o olhar atencioso sobre o papel do corpo e o seu sentido táctico, que podemos chamar de “consequências práticas”, o desdobramento da vivência, o que ela pode gerar de pulsão de vida. Analiso que no caso do aGradim, é o corpo do multiplicador, o ser Propágulo, sua importância para a avaliação e criação de ideias que façam outros agirem, mas sempre a partir da experiência desse corpo que é tocado primeiro, se torna testemunha e faz tocar outros corpos.

Através dessa passagem volto o meu olhar para as sensações sentidas pelos corpos, durante as ações no aGradim, o corpo tanto dos artistas participantes e o meu, enquanto propagadora, se modificaram de alguma forma, como o meio onde agimos foi modificado. Essa modificação é difícil de mensurar, possivelmente cada um irá falar sobre a forma que sentiu e sente a experiência. Mas, é seguro afirmar que ela continua a ressignificar o presente e consequentemente o futuro. A memória do corpo pulsa e se estende, revelando saídas pelos poros.

Sendo assim, me proponho a pensar a contribuição da metáfora do corpo do multiplicador, visto através da muda de mangue vermelho (Propágulo), que me faz refletir sobre a inteligência anatômica das plantas, e tudo que esses seres têm a nos ensinar, como sua capacidade de resistência em ambientes inóspitos, uma mostra disso são, as suas raízes fortes, capazes de

romper superfícies duras, como pedras e concreto. Como indica o botânico Stefano Mancuso:

“Acredito que há muitas boas razões para imitar o reino vegetal. As plantas consomem pouca energia, fazem movimentos passivos, são “construídas” em módulos, são robustas, têm uma inteligência distribuída (em oposição à dos animais, que é centralizada), comportam-se como colônias. Quando quiser projetar algo robusto, energeticamente sustentável e adaptável a um ambiente em contínua modificação, não há nada melhor na Terra para se inspirar.” (MANCUSO, 2019, p. 29).

Um ambiente de mangue é um lugar rico em matéria orgânica, mas pobre em oxigênio, as raízes se contorcem e são elevadas (aéreas), para respirar, são espécies de raízes Pneumatóforas. O mangue é um lugar que abriga muitas vidas, como crustáceos (caranguejos, siris), pássaros, micro-organismos, insetos e tantos outros, que em uma breve observação nos ensinam como viver em harmonia. No período de realização das ações comunitárias no mangue da Praia das Pedrinhas eu pude perceber e compartilhar essas experiências com a comunidade. Além disso, outras histórias também foram brotando, a memória de cada participante das ações foi se misturando ao lugar. A arte do encontro nos transportava a todo momento, para outros lugares e experiências, pois estar em contato com os outros é sempre ver por um caleidoscópio.

Um momento marcante foi observar como que aquele lugar com lixo e poluição poderia ter tanta vida, como a relação das borboletas com a salinidade do lugar, geralmente se alimentam de néctar, mas também precisam desse equilíbrio entre sal e doce para sobreviver, então, as mesmas buscam por este sal em animais mortos ou lugares como o mangue, que tem matéria orgânica e salinidade em abundância, enquanto estávamos lá ativando o local com nossas caminhadas e ações em muitos momentos éramos rodeados pelo bater das asas das borboletas, de todas as cores e tamanhos. O que evidenciou nesse exemplo da borboleta é que de fato todos nós vivemos em uma eterna interdependência, somos ligados a muitas espécies para sobreviver.

O filósofo Emanuele Coccia vai mais longe, e nos mostra que não somos só ligados a outros seres por questões fisiológicas, somos ligados por alma, por esse magma de vida que corre em todos nós, precisamos considerar as outras espécies como irmãos de alma, como muitos povos, já fazem desde que o mundo é mundo. Ver a pedra como vó, assim como ver a si mesmo como planta, o externo nutrindo o interno de todo ser.

“Nós estamos acostumados a pensar que as relações de interdependência entre as diferentes espécies são de natureza física, energética ou anatômica. Nunca suspeitamos que essa interdependência seja, primeiramente, de ordem cognitiva e especulativa. Se toda relação entre espécies é de ordem técnica, artificial, e não

natural ou meramente física, é porque toda espécie encontra seu espírito, sua inteligência, sua faculdade de pensar sempre e exclusivamente em sua relação com outras espécies. Cada espécie está ligada a uma ou várias outras espécies. Cada espécie está ligada a uma ou várias outras espécies como ao seu espírito. É a grande mentira da neurobiologia: o intelecto não é um órgão, ele existe sempre fora do corpo de qualquer indivíduo vivo.” (COCCIA, 2020, p. 190).

Sendo assim, me enxergar como Propágulo foi um encontro, ver minha alma refletida em uma outra espécie, me fazendo analisar de forma mais completa o meu lugar no mundo e as minhas possibilidades enquanto artista, engajada com um ativismo ambiental. Aprender com a minha ancestralidade caiçara irrigou todo o processo do aGradim, exercitar a admiração e reverência a outros seres sem ser o humano, me mostra como a Terra é fértil e completa. Além disso, como o trabalho sensível da arte em consonância com ações de pesquisa transdisciplinares, podem revelar ao mundo e a nós mesmo outras saídas, para nossos conflitos e problemas. Mas também, esse trabalho de desvelar essas narrativas, pode contribuir e nutrir ideias para uma educação inclusiva, ecológica e ambiental, uma escola do aprender junto, uma escola onde o respeito ao mundo de fato possa se concretizar.

A escultura social é uma metamorfose contínua, por instigar uma atmosfera fluida com valorização na liberdade, e ao mesmo tempo nos fazer criar vínculos prolongados, com lugares, pessoas e responsabilidades. Enquanto propagadora de ações afetivas situadas, percebi que toda essa experiência com o aGradim, foi e é uma oportunidade de devolver ao meu solo, ou ao solo afetivo da minha ancestralidade uma possibilidade de perpetuação, de oxigenação e regeneração. Dar solo ao solo, ou seja, permitir que este lugar se perpetue através da vida e memória de outros encontros, que esses encontros possam gerar pertencimento e consequentemente cuidado. Despertar outros propagadores de sementes germinadas.

“O solo não é o que separa um ser vivo do outro ou uma espécie da outra, mas aquilo que obriga cada um a misturar-se com o outro. Todo território é em si uma metamorfose em curso, graças à qual seres vivos, espécies e atores não vivos compartilham a mesma potência de agir, comum a todo o planeta. Inversamente, cada um de nós, como todo ser vivo e toda espécie, é um elemento de uma metamorfose coletiva. Um solo para outros seres vivos e outras espécies. É enquanto solo dos outros que temos uma potência de agir.” (COCCIA, 2020, p. 193).

Através dessa perspectiva de ser solo, me ative a pensar na palavra inacabamento, pensar que cada movimento faz parte de uma coreografia extintiva e em desdobramento contínuo. O aGradim sendo lugar propício à germinação, em um território não esperado, onde à primeira vista só se vê a morte, mas os ciclos da vida estão interligados, a morte também

abre caminho para a vida.

Nesse contexto enquanto coletivo, que partilhou as ações na colônia de pescadores da Praia das Pedrinhas, decidimos criar um livro, que seria uma plataforma para que parte das nossas ações no aGradim fosse melhor partilhada, que com isso elas ganhassem mundo, para propagar em outros lugares e instituições. Essas oficinas ajudaram a unir a comunidade para a criação da publicação “Propágulos: Semeando Florestas de Marés”.

Desenvolvemos entre março e maio de 2021, oficinas de papel artesanal para a confecção da capa do livro, bem como, encontros de desenho e observação no mangue, para imprimir nas folhas todas as belezas que vimos, além disso, os artistas contribuíram com textos sobre os seus próprios processos criativos e desejos de trabalho, à partir da vivência que experienciaram no aGradim.

Figura 27 - Oficina de papel artesanal, realizada em aGradim, com a comunidade formada por moradores da Praia das Pedrinhas e arredores, em março de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 28 - Papéis secando sobre as encarnações, dentro do aGradim. Registro feito em março de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 29 - Oficina de desenho e observação no mangue da Praia das Pedrinhas. Realizada em maio de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Figura 30 - Oficina de desenho e observação no mangue da Praia das Pedrinhas. Realizada em maio de 2021.



Fonte: Imagem produzida pelo autor.

Para pensar um pouco sobre essas afetações durante a feitura das oficinas de criação da publicação, compartilho um vídeo arte, chamado “Propágulos”, realizado a partir de entrevistas feitas com participantes das oficinas de papel artesanal, desenho e observação. Essas entrevistas foram conduzidas com duas perguntas em comum, para todos os participantes entrevistados, são elas: “Você acredita que existem futuros nas vivências?” “Como cuidamos de uma luta?”. Foi um recurso utilizado para incluir as vozes dos participantes das ações, em trabalhos comunitários e sócio culturais acredito ser uma oportunidade de transformar o discurso em um debate mais amplo e democrático. As imagens partiram de um fazer manual, elas puxaram todas as narrativas abordadas nas falas.



Figura 31 - QR Code do vídeo arte “Propágulos”.

Fonte: Imagem produzida pelo autor

Em virtude dos fatos mencionados nesta pesquisa, acredito na metamorfose tanto do meu corpo de multiplicadora Propágulo, quanto do aGradim. Uma trajetória de um corpo que continua a se desdobrar para atingir outros corpos. A certeza do inacabado traz uma possibilidade de vida e oxigenação constantes, é um processo em processo, a escultura social continua, a necessidade quase asfíxiante de ser solo, construir e ser construído pulsa o meu corpo, para potencializar e sensibilizar através da arte como ferramenta outras potências de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda ação é uma incursão a um ponto misterioso

No decorrer desta dissertação pude refletir sobre os aspectos encontrados no ambiente que me rodeia, no ambiente em que enquanto Propágulo resolvi intervir, a realidade da vida, do trabalho dos pescadores, meus ancestrais, me nutriu para devolver essa experiência, neste solo, como um exercício em prol da regeneração e cura tanto minha, como dos outros tantos que encontrei e encontro nesta jornada de conexões.

Toda a experiência foi muito mais do que as minhas virtualidades, formadas na minha cabeça, em muitos momentos foi tomada por avalanches, o descontrole me trouxe um gosto amargo, mas, pude ver potência em não planejar tudo, em me surpreender com as belezas da vida, poder ser testemunha e lidar com a responsabilidade de agir por esses eventos e acontecimentos imprevisíveis.

A oportunidade de conceituar esta vivência é também um espaço para que eu possa exercitar as reflexões contidas neste espelho multifractal que é o lugar da experiência em sua potência de vida, ela é sempre inacabada. Ao mesmo tempo, atravessamos uma era de crises em todas as esferas, inclusive a de referências e enquanto artista me senti acolhida ao encontrar e poder resgatar o conceito de Escultura Social de Joseph Beuys, mas também, poder criar contextualizações entre tantos respaldos textuais e narrativas potentes me indica que o futuro tem muitas possibilidades e olhares, olhares que devem se misturar, ser transdisciplinares.

Portanto, de fato não sei o que o aGradim irá se tornar, mas sua forma está em contínuo processo, a única certeza que tenho é a mudança. O risco sempre será minha companhia, um pulo no abismo das relações e conexões. Viver é estar ligado a muitos cordões embrionários.

“Nós sempre nos estabelecemos sobre a vida dos outros, e, inversamente, cada um é sempre o solo de outros seres vivos. Cada um vive do corpo do outro. Cada um tirou seu corpo do outrem. Como se, desde o início, a Terra fosse um corpo formado pelos corpos de todas as espécies, em que cada um vive da vida dos outros e todas as espécies são inseparáveis. Todo ser vivo é a Terra dos outros, cada espécie é o terreno de vida de um número indefinido de outros atores vivos e não vivos.” (COCCIA, 2020, p. 192).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADOR, Elmo da Silva. **Bacia da baía de Guanabara**. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2012.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. 1. ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.
- LAPOUJADE, David. William James. **A construção da experiência**. 1. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- LAPOUJADE, David. **As existências Mínimas**. 1. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- MANCUSO, Stefano. **A revolução das plantas**. São Paulo: Ed. Ubu, 2019.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia et. al. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia et. al. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum - volume 2**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2014.
- KUONI, Carin. **Joseph Beuys in America: energy for the Western Man**. EUA: Ed. Four Walls Eight Windows, 1993.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SANTOS, Marcelo Guerra (Org.). **Estudos ambientais em regiões metropolitanas: São Gonçalo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.
- SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Ed. Dantes, 2019.
- SILVA, Catia Antonia. **Pesca artesanal e produção de espaço: desafios para a reflexão geográfica**. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2014.
- SILVA, Catia Antonia. **Metrópole e invisibilidades: Da política às lutas de sentidos da apro-**

priação urbana. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2015.

VERNADSKY, Vladimir. **Biosfera**. Rio de Janeiro: Ed. Dantes,
2019.

ZEE, David. MEDEIROS, Rodrigo et al. (Org.). **Baía de Guanabara: passado, presente, futuro**. Rio de Janeiro: Estúdio Andrea Jakobsson, 2017.

